

**Plano Individual de Trabalho, Tempo de Estudo Autónomo e
autonomia na aprendizagem em alunos de uma turma do 1.º CEB**

ANA CAROLINA MOURINHA CASACA

Nº29449

Orientador do Relatório:

PROFESSORA DOUTORA MARGARIDA ALVES MARTINS

Coorientador do Relatório:

PROFESSORA INÁCIA SANTANA

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada submetido como requisito parcial para
obtenção do grau de: MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º
CICLO DO ENSINO BÁSICO

**Plano Individual de Trabalho, Tempo de Estudo Autónomo e
autonomia na aprendizagem em alunos de uma turma do 1.º CEB**

ANA CAROLINA MOURINHA CASACA

Nº29449

Orientador do Relatório:

PROFESSORA DOUTORA MARGARIDA ALVES MARTINS

Coorientador do Relatório:

PROFESSORA INÁCIA SANTANA

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada submetido como requisito parcial para
obtenção do grau de: MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º
CICLO DO ENSINO BÁSICO

2023

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada sob a orientação de Professora Doutora Margarida Alves Martins e coorientação de professora Inácia Santana, apresentado no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico, criado por Aviso nº 11548/2020, publicado no Diário da República, 2.ª série, nº153, de 7 de Agosto de 2020.

Agradecimentos

A elaboração do presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada representa o fim de um caminho percorrido ao longo do tempo sempre com várias pessoas a meu lado que me ajudaram e deram apoio para nunca desistir do meu sonho e de todo este percurso académico que me traz muito boas recordações.

Estes cinco anos foram repletos de muitas aprendizagens e desafios que me ajudaram a crescer e evoluir como pessoa, mas sobretudo como futura profissional de educação e na construção da minha identidade profissional. Um muito obrigada a todos os que me deram força para ultrapassar as minhas dificuldades, que estiveram todos os dias a todas as horas dispostos a ouvirem-me e que festejavam as minhas conquistas neste caminho exigente, que teve altos e baixos.

Agradeço à minha família, em especial aos meus pais e à minha avó materna por me terem ajudado na possibilidade de concretizar este sonho, estando a meu lado todos os dias e dando-me apoio para nunca desistir e lembrando o meu potencial para concretizar este sonho mesmo quando o caminho parecia difícil. Obrigada por me terem dado toda a força para seguir em frente, levantando-me nos dias piores com todo o carinho que tinham para me dar.

Agradeço ao meu namorado João pela paciência que teve em todas as horas comigo, pelo apoio que me deu e pelo orgulho e confiança que sempre depositou em mim ao longo desta caminhada. Obrigada pela tua compreensão e pelo teu carinho nos momentos mais frágeis e por teres vibrado comigo nos momentos mais felizes. Um grande obrigada por estares a meu lado todos os dias e por me lembrares que no final tudo valeria o esforço.

Agradeço à minha colega Catarina Gião, que se tornou uma das minhas melhores amigas, pelo apoio que me deste, por teres traçado este percurso a meu lado e por todas as histórias, gargalhadas e experiências que levamos deste caminho, sempre juntas. À Inês Marques, minha amiga de sempre, que me acompanhou neste caminho desde o início da licenciatura, obrigada por me teres ouvido, por teres compreendido cada situação boa e má e por me teres lembrado que tudo isto teria frutos no final, espero que a nossa amizade seja para todo o sempre.

Agradeço à professora Margarida Alves Martins orientadora do presente relatório e à professora Inácia Santana coorientadora, que nunca me deixaram desistir, apoiaram-me

em todo este processo de forma incansável e que com exigência e paciência permitiram-me ir mais longe e direcionar o meu olhar de uma forma mais crítica e atenta no que diz respeito ao meu trabalho.

Queria agradecer a todos os cooperantes e a todas as crianças que tive o privilégio de acompanhar ao longo de todos os meus estágios nestes cinco anos que irão sempre marcar o meu percurso académico por alguma razão e que me fizeram crescer como profissional e compreender o que queria ou não levar para a minha prática pedagógica. Uma especial menção para a professora cooperante que me acompanhou neste último estágio e com quem consegui crescer e aprender muito enquanto futura profissional de educação, foi realmente um prazer conhecer esta docente tão completa e aquele grupo de crianças encantador.

Termino este Mestrado muito orgulhosa de todas as minhas conquistas e pela evolução que sinto desde o 1º ano da licenciatura que vão influenciar a minha prática profissional e marcar esta nova etapa que se avizinha.

Resumo

Esta investigação foi realizada num colégio privado, num grupo de 18 crianças que se encontram no 4º ano de escolaridade. A professora titular bem como a instituição regem-se pelo Modelo do Movimento da Escola Moderna, onde o desenvolvimento da competência da autonomia está presente em toda a rotina do grupo, nomeadamente nos Tempos de Estudo Autónomo, que são regulados pelo Plano Individual de Trabalho. Assim, o principal objetivo deste estudo é compreender de que forma este instrumento de pilotagem associado ao Tempo de Estudo Autónomo estão relacionados com a promoção da autonomia na aprendizagem dos alunos, surgindo duas questões de investigação: Qual o papel Plano Individual de Trabalho e do Tempo de Estudo Autónomo na promoção da autonomia dos alunos no seu processo de aprendizagem? A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, sendo que os instrumentos de investigação utilizados a observação naturalista, a observação sistemática com duas grelhas de observação e a realização de entrevistas. Os registos realizados no diário de bordo são também instrumentos que apoiam a recolha de dados para o estudo. Os resultados revelam que o Tempo de Estudo Autónomo associado ao Plano Individual de Trabalho desenvolvem a autonomia na aprendizagem das crianças, existindo por isso vantagens na sua adoção nas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: 1.º Ciclo do Ensino Básico, Movimento da Escola Moderna, Plano Individual de Trabalho, Tempo de Estudo Autónomo, Autonomia.

Abstract

This research was conducted in a private school, in a group of 18 children in the 4th grade. The teacher and the institution are governed by the Modern School Movement Model, where the development of the autonomy competence is present throughout the group's routine, particularly during Self-Study Time, which is regulated by the Individual Work Plan. Thus, the main objective of this study is to understand how this steering instrument associated with Self-Study Time are related to the promotion of students' learning autonomy, thus raising two research questions: What is the role of Individual Work Plan and Self-Study Time in promoting students' autonomy in their learning process? The methodology used was qualitative, and the research instruments used were naturalistic observation, systematic observation with two observation grids and interviews. The records kept in the diary are also instruments that support data collection for the study. The results show that the Self-Study Time associated with the Individual Work Plan develop autonomy in children's learning, and therefore there are advantages in its adoption in teaching practices.

Keywords: 1st Cycle of Basic Education, Modern School Movement, Individual Work Plan, Autonomous Study Time, Autonomy.

Índice

Introdução	11
Capítulo I – Contexto e Problemática	13
1.1 Caracterização do contexto	13
1.2. Caracterização do grupo turma	14
1.2 Problemática, objetivo e questões de investigação	16
Capítulo II – Enquadramento Teórico	16
2.1 Autonomia – eixos fundamentais do conceito	16
2.2 Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM)	18
2.2.1Plano Individual de Trabalho e Tempo de Estudo Autónomo	20
Capítulo III – Opções Metodológicas	25
3.1 Metodologia	25
3.2 Técnicas e instrumentos de investigação	26
3.3 Procedimentos	28
Capítulo IV – Análise reflexiva decorrente da Prática Supervisionada	32
4.1. Análise dos dados da criança 1	34
4.2. Análise dos dados da criança 2	36
4.3 Análise dos dados da criança 3	38
4.4. O papel do PIT e do TEA na promoção da autonomia na aprendizagem	41
Capítulo V – Considerações finais	45
Referências	49
Anexos	51
Anexo I – Guião de entrevista às crianças	51
Anexo II – Guião de entrevista à professora cooperante.....	53
Anexo III – Transcrição da entrevista à criança 1	55
Anexo IV – Transcrição da entrevista à criança 2.....	57
Anexo V – Transcrição da entrevista à criança 3	59
Anexo VI – Transcrição da entrevista à professora cooperante	62
Anexo VII- Grelha de observação de análise do PIT	74
Anexo VIII- Grelha de observação de análise do TEA	76
Anexo IX- Grelha de observação de análise do PIT da criança 1	78
Anexo X- Grelha de observação de análise do TEA da criança 1.....	81
Anexo XI- Grelha de observação de análise do PIT da criança 2	83
Anexo XII- Grelha de observação de análise do TEA da criança 2	86

Anexo XIII- Grelha de observação de análise do PIT da criança 3	88
Anexo XIV- Grelha de observação de análise do TEA da criança 3	91
Anexo XV- Planos Individuais de Trabalho da criança 1	93
Anexo XVI- Planos Individuais de Trabalho da criança 2.....	95
Anexo XVII- Planos Individuais de Trabalho da criança 3	97

Índice de figuras:

Figura 1	23
Figura 2	29
Figura 3	30
Figura 4	33

Introdução

O presente relatório surge no âmbito do término do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico e articula-se diretamente com a Unidade Curricular de Prática Supervisionada em 1ºCiclo do Ensino Básico. O estágio foi realizado num contexto privado, numa turma do 4ºano de escolaridade composta por dezoito alunos, cuja instituição, bem como a professora cooperante, seguia o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna.

Numa primeira fase, o estágio teve como principal objetivo realizar um período de observação cuidada e rigorosa da situação pedagógica em causa e numa segunda fase, iniciou-se a intervenção progressiva onde foram planeadas e concretizadas algumas situações de ensino e aprendizagem, de acordo com as *Aprendizagens Essenciais*.

Desde os primeiros dias de observação e na pesquisa que realizei, acerca da instituição, antes do início do estágio, compreendi que o desenvolvimento da competência da autonomia dos alunos estava muito presente na rotina de trabalho destacando uma maior evidência no decorrer dos momentos de Tempo de Estudo Autónomo, que são guiados pelo Plano Individual de Trabalho. Assim sendo, por existir muita vontade e curiosidade em querer perceber de que maneira estes dois dispositivos contribuem para o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem dos alunos, formularam-se duas questões de investigação que se pretende que sejam respondidas com a realização do presente relatório final: “Qual o papel do Plano Individual de Trabalho (PIT) na promoção da autonomia dos alunos no seu processo de aprendizagem? Qual o papel do Tempo de Estudo Autónomo (TEA) na promoção da autonomia dos alunos no seu processo de aprendizagem?”.

Desta forma, o primeiro capítulo deste relatório centrar-se-á na caracterização do contexto onde a Prática Supervisionada foi realizada, serão enunciados ainda os princípios pelos quais a mesma de rege bem como algumas particularidades da turma que são pertinentes para o tema do presente relatório. Neste primeiro capítulo serão ainda incluídos o objetivo geral e as respetivas questões de investigação.

Posteriormente, apresentar-se-á o enquadramento teórico organizado em subcapítulos: autonomia e os respetivos eixos do conceito; Informação pertinente para caracterização do Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna mais direcionada numa fase posterior para o Plano Individual de Trabalho e o Tempo de Estudo Autónomo. De

seguida, serão apresentadas as opções metodológicas onde será evidenciada qual a metodologia, assim como as técnicas, instrumentos e procedimentos utilizados para a presente investigação.

Segue-se a análise reflexiva e crítica relativamente à Prática Supervisionada, onde serão descritas as situações observadas e registadas, bem como informações recolhidas com base nas entrevistas realizadas, de modo que possam ser analisadas, interpretadas e fundamentadas tendo por base o enquadramento teórico, com o objetivo de dar resposta às questões de investigação enunciadas.

Para terminar, serão apresentadas as considerações finais como forma de consolidar o trabalho realizado ao longo deste relatório, destacando os contributos do mesmo para a construção da identidade profissional e o desenvolvimento pessoal docente.

Capítulo I – Contexto e Problemática

1.1 Caracterização do contexto

A instituição cooperante onde a Prática de Ensino Supervisionada decorreu é um colégio privado, localizado na Área Metropolitana de Lisboa. A oferta educativa é variada, centrando-se em cinco valências sendo estas creche, Pré-Escolar. 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, tendo como missão “*Educar na qualidade e nos valores*”, recorrendo a práticas pedagógicas que estimulem e proporcionem o desenvolvimento afetivo, integral e harmonioso das crianças (Missão da instituição – Site da instituição, 2021).

Em consonância com a missão da instituição, encontramos o Projeto Educativo que está claramente centrado em princípios pedagógicos que priorizam a autonomia, a consciência de si próprio e dos que estão em seu redor, a responsabilidade, o saber estar e o saber ser fomentados num ambiente de bem-estar, facilitador das aprendizagens em que a criança é ativa no seu processo de aprendizagem e na construção do conhecimento (PEI- Site da instituição, 2021). Para além do já referido, a instituição cooperante tem ainda como prioridade o estabelecimento de uma relação pedagógica personalizada que é baseada num olhar holístico para cada criança com o objetivo de a conhecer e acompanhar para elevar as suas potencialidades e promover a verdadeira diferenciação pedagógica com “uma ação educativa centrada no trabalho diferenciado de cada aluno e não no ensino expositivo do professor” (PEI- Site da instituição, 2021). O Projeto Educativo indica-nos ainda que a escola contempla aulas de inglês diárias para preparar os seus alunos para o mundo global e multicultural a que pertencemos. Assim sendo, prima-se pelo desenvolvimento cognitivo, pessoal e social das crianças ao longo do seu percurso escolar.

No que diz respeito ao modelo pedagógico, segue um modelo socioconstrutivista que tem inspiração no Movimento da Escola Moderna (MEM) para dar resposta a uma série de desafios com que nos deparamos atualmente integrando na formação das nossas crianças, intencionalidades educativas coerentes com esses desafios, nomeadamente: incentivar os alunos a fazerem perguntas, “a descobrir, construir, comparar, dialogar, a analisar e vivenciar o próprio processo de construção do conhecimento, através do trabalho de projeto, cooperativo e interdisciplinar” priorizando o lado humano da educação e privilegiando a relação entre aluno e professor (PEI – Site da instituição, 2021).

Assim sendo, o colégio **centra-se no percurso de aprendizagem da criança** em interação social, pois acredita que é desta forma que os alunos adquirem diversas competências pessoais e sociais. **As crianças são chamadas a participar no seu processo de aprendizagem sendo ativas no mesmo**, nomeadamente na construção da agenda semanal e nos momentos de trabalhos de projetos em grande grupo, pares ou pequenos grupos. Desta forma, promove-se **a autonomia dos alunos** ao tentar que ganhem o gosto pela responsabilização na realização das atividades desenvolvidas e ao permitir o fácil acesso a todos os materiais existentes na sala de aula.

A instituição opta por não se reger pelos tradicionais “testes de avaliação” e por isso surgem **as fichas de verificação**, realizadas pelos alunos sempre que se sentem capazes, constituindo instrumentos que permitem a autonomia aos alunos, pois estes vão marcando os objetivos que conseguem alcançar à medida que o ano letivo vai decorrendo, tomando consciência se a consolidação dos conteúdos está realmente alcançada. Neste sentido, **a avaliação formativa é, naturalmente, a modalidade dominante** e tem como objetivo principal potenciar as aprendizagens e a participação direta dos alunos nas suas diferentes fases, valorizando o processo. O docente dá feedback semanal à turma relativamente ao desempenho de cada criança para que a mesma possa melhorar com o acompanhamento e apoio de todos. Assim, neste processo **reforça-se a autoestima positiva**, valorizando as conquistas de cada um e incentivando a fazer mais e melhor.

Por fim, existe **uma interação real entre a escola e as famílias**, quando a instituição fomenta a participação ativa dos pais na vida escolar das suas crianças através das visitas diárias às salas dos seus filhos, participação nas reuniões periódicas ou através da comunicação dos projetos da turma, pois é intenção que os pais e que a comunidade estejam envolvidos nos projetos desenvolvidos na sala.

1.2. Caracterização do grupo turma

O grupo de alunos que participam neste trabalho de intervenção e de investigação fazem parte de uma turma constituída por dezoito crianças, sendo sete do género masculino e onze do sexo feminino. De acordo com o plano curricular de turma, todas as crianças frequentam o 4.º ano de escolaridade pela primeira vez, estando presente uma criança com Necessidades Educativas Específicas (NEE).

Na generalidade, é um grupo bastante dinâmico, proativo e evoluído cognitivamente. Todos os alunos mantêm entre si laços de amizade, sendo um grupo muito amigo e onde

se revela a entreatajuda por diversas vezes, mostrando sinais de tolerância uns com os outros tanto na sala como no recreio. Todas as crianças revelam autonomia na realização das diversas tarefas e na circulação nos diversos espaços da sala, bem como no acesso a todo o material. No entanto, após observação, verifica-se que têm alguma dificuldade em concentrar-se nas tarefas que lhes são propostas, na resolução de conflitos, partindo às vezes para atitudes que necessitam de intervenção ou mediação de um adulto e ainda na gestão adequada do uso da palavra. Um dos pontos mais fortes da turma é sem dúvida a sua comunicação oral e escrita e a componente de trabalho colaborativo bem como o espírito de grupo, pois entreatajudam-se e apoiam-se em todas as situações, cedendo ou adaptando-se sempre que necessário nos seus pontos de vista em relação aos projetos que desenvolvem, tecendo críticas construtivas para que todos possam evoluir. Na rotina diária existe oportunidade para que os alunos possam formar parcerias, com o objetivo de se entreatajudarem na realização das tarefas em que consideram ter mais dificuldade.

Neste seguimento, importa referir um instrumento de pilotagem, o Plano Individual de Trabalho (PIT), que está associado a um momento da agenda semanal, o Tempo de Estudo Autónomo (TEA) e operacionaliza a diferenciação pedagógica. Neste tempo, os alunos costumam desenvolver o seu trabalho de forma bastante autónoma, compreendendo que não podem interromper os momentos em que a docente se encontra a auxiliar outros alunos. Assim, as crianças avançam nas suas tarefas e depois retiram a dúvida noutra momento: no final do TEA no tempo específico para tal ou marcando um apoio no dia seguinte. Para facilitar estes apoios com a professora titular existe uma tabela exposta na sala para que as crianças se inscrevam colocando a sua dificuldade para que todo o grupo, isto é, crianças e docente possam tomar conhecimento de quem necessita de ajuda, de forma a mobilizarem-se nesse sentido.

No que diz respeito ao PIT, é um instrumento que ajuda os alunos a planear e a avaliar o seu próprio trabalho, autorregulando as suas aprendizagens. Preenchem um documento novo todas as semanas, fazendo a avaliação à segunda-feira, a partir da qual planificam a outra semana. Esta avaliação é feita pelo próprio, por um colega com quem fez parcerias ou pertence ao seu grupo de trabalho e pela professora. No final, estabelecem-se compromissos para o PIT da semana seguinte, no sentido de melhorar.

1.2 Problemática, objetivo e questões de investigação

A problemática da investigação e as questões em análise inerentes à mesma foram pensadas a partir da informação recolhida ao longo dos momentos de observação no contexto de estágio e em sala de aula. Assim, constatou-se que nem todos os alunos manifestam autonomia no que toca à gestão do Tempo de Estudo Autónomo (TEA) regulado pelo Plano Individual de Trabalho (PIT), sendo que este instrumento de pilotagem tem um papel importante na rotina de trabalho dos alunos, uma vez que os guia nas suas aprendizagens e no progresso das mesmas.

Segundo a literatura e neste contexto pedagógico o TEA e o PIT são considerados importantes motores para a autorregulação da aprendizagem dos alunos e por isso o presente relatório tem como objetivo compreender de que forma o Plano Individual de Trabalho (PIT) associado ao Tempo de Estudo Autónomo (TEA) estabelecido na agenda semanal promovem a autonomia.

Desta forma, surgem então as seguintes questões:

1. Qual o papel do Plano Individual de Trabalho (PIT) na promoção da autonomia dos alunos no seu processo de aprendizagem?
2. Qual o papel do Tempo de Estudo Autónomo (TEA) na promoção da autonomia dos alunos no seu processo de aprendizagem?

Capítulo II – Enquadramento Teórico

2.1 Autonomia – eixos fundamentais do conceito

De acordo com Mogilka (1999), é muito comum na pedagogia de algumas escolas confundirem-se os termos liberdade e autonomia pela complexidade deste último construto. O conceito de autonomia deriva do “gregus auto (próprio) e nomos (lei ou regra)” (Mogilka, 1999, p. 59) e está diretamente relacionado com o facto de cada individuo ter competências para conseguir definir as suas próprias regras e limites, não precisando que alguém que lhos imponha, ou seja, é capaz de se autorregular. A autonomia é a liberdade que cada um tem, prescindindo que alguém externo o regule ou que a relação com o mundo natural e social o limite.

Cunha (1996) explica também este ponto de vista afirmando que a autonomia é um conceito positivo, pois ser autónomo é conseguir que uma pessoa ou instituição consigam formar uma “lei própria”, ou seja ter liberdade e autonomia para tal: “uma pessoa autónoma rege-se por leis, mas leis próprias, escolhidas e interiorizadas” (p. 55). Desta forma, para que um professor consiga promover e desenvolver a autonomia nos seus

alunos, este deve encontrar um equilíbrio entre o autoritarismo e a permissividade, não passando pela imposição ou pela submissão. Ao invés, é um relacionamento baseado na colaboração e no amor.

Segundo Coterall (1995, citado por Paiva, 2006), autonomia na aprendizagem formal é o ponto em que os alunos demonstram estar no que toca à habilidade de utilizar um conjunto de competências e estratégias para assumir o controle sobre a sua própria aprendizagem. Dickison (1995, citado por Paiva, 2006) completa dizendo que é “uma capacidade para aprender de forma independente” (p.85), explicitando que os alunos são ativos e independentes no seu processo de aprendizagem, se identificam os seus objetivos, formulando-os ou mudando-os para que se adequem às suas necessidades e interesses, utilizando neste percurso estratégias de aprendizagem para monitorizarem a mesma. Contudo, o mesmo autor defende que existem determinados fatores que vão influenciar diretamente a aquisição da autonomia no processo de aprendizagem, tais como: a predisposição para aprender; a metodologia de aprendizagem utilizada assim como o ritmo; o local e o momento em que a aprendizagem acaba por acontecer; a tipologia de materiais que são utilizados; e a forma de avaliação que é realizada (Dickinson, 1987, citado por Paiva, 2006).

A autonomia é uma competência que pode ser aprendida e estimulada na escola (Karlsson et al., 1997 citado por Paiva, 2006) e por isso é importante destacar o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO), que evidencia que o Desenvolvimento Pessoal e Autonomia é uma das competências a ser adquirida. Este documento orientador tem assim como objetivo estabelecer uma linha referencial acerca das aprendizagens adquiridas pelos alunos, após os doze anos de escolaridade obrigatória. Espera-se então que o aluno seja um cidadão “livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia” (Martins et al., 2017, p. 15).

No que diz respeito à Área de competência relativa ao Desenvolvimento Pessoal e a Autonomia dos alunos, esta refere-se a todos os processos através dos quais estes conseguem “desenvolver a confiança em si próprios, motivação para aprender, autorregulação, espírito de iniciativa e tomada de decisões fundamentadas, aprendendo a integrar pensamento, emoção e comportamento” atingindo uma autonomia crescente e desenvolvendo o pensamento crítico (Martins et al., 2017, p. 26). Para que tal seja possível, as crianças precisam de reconhecer os conteúdos de maior interesse que são mais importantes a serem trabalhados para adquirirem novas aprendizagens; consolidar

aprendizagens e as capacidades fundamentais para a vida futura em sociedade; identificar os objetivos e estabelecer bem como realizar planos de forma consciente e autónoma (Martins et al., 2017).

Para além disso, o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória estabelece ainda descritores operativos para cada área de competência. Assim, segundo Martins et al. (2017) pode dizer-se que os alunos estão num bom nível de desenvolvimento pessoal e de autonomia quando: a) identificam as suas qualidades e defeitos, considerando-os basilares nas diversas situações da sua vida; b) consciencializam-se do papel do seu crescimento e da sua evolução; c) identificam as suas necessidades e procuram estratégias e apoios para as ultrapassarem, alcançando os objetivos; d) autonomamente planeiam, implementam e avaliam estratégias para alcançarem os objetivos que cada um estabelece para si próprio, sendo resiliente e persistente.

2.2 Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM)

O Movimento da Escola Moderna vem desenvolvendo um modelo pedagógico que defende a criação de condições ecológicas à promoção da autonomia dos alunos no quadro de uma organização cooperada como um dos seus princípios fundamentais.

Trata-se de uma Associação Pedagógica de Professores e de outros Profissionais da Educação, fundada em 1966. Através da sua ação pedagógica e da reflexão conjunta e fundamentada sobre a sua prática, tem ido construindo um modelo pedagógico que tem como objetivo, construir a “formação democrática e o desenvolvimento sociomoral dos educandos (...) assegurando a sua plena participação na gestão do currículo escolar” (<http://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>). Como Niza (1998) explica, é uma associação de profissionais de educação que olham a profissão de educador como uma forma de estimular a participação cívica e o desenvolvimento das competências culturais e sociais dos alunos e dos professores, de modo isomórfico. Desta forma, a Associação utiliza a autoformação cooperada como motor para o desenvolvimento dos professores (Niza, 1998).

Os alunos e os professores cooperam no planeamento das diversas atividades curriculares, entreajudando-se na elaboração dos projetos de estudo, intervenção e na sua própria avaliação. A educação sustenta-se assim em valores como a justiça, a reciprocidade e a solidariedade bem como na organização cooperada do trabalho e nos poderes partilhados para formar cidadãos na base de uma democracia direta

(<http://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>). Valoriza-se a experiência de socialização e por isso as turmas que são entendidas como comunidades de aprendizagem que envolvem e motivam as crianças.

Também Grave-Resendes e Soares (2002) vêm reforçar este princípio explicando que:

O Modelo do Movimento da Escola Moderna Portuguesa é um modelo socio-cêntrico cuja prática democrática da gestão dos conteúdos, das actividades, dos materiais, do tempo e do espaço se fazem em cooperação. A participação dos alunos na organização, gestão e avaliação cooperadas de toda a vida da turma constituem um exercício de cidadania democrática activa. (p. 41).

Neste sentido, estão presentes três subsistemas integrados neste modelo pedagógico que se assumem como pilares essenciais: as estruturas de trabalho cooperativo; os circuitos de comunicação e a participação democrática direta. Todos estes subsistemas estão interligados e por isso não funcionam na sua individualidade. No que diz respeito ao primeiro, as estruturas de cooperação educativa, contrariam o trabalho individual e competitivo, rompendo com o ensino tradicional e promovendo competências de autonomia e de cooperação nos alunos, em que cada um só consegue alcançar os seus objetivos de aprendizagem que permitem o seu desenvolvimento cultural e social quando todos os restantes membros conseguirem alcançar os seus, construindo através deste caminho a formação democrática.

No que concerne aos circuitos dialógicos de comunicação, o diálogo constitui um dos pilares centrais da pedagogia do MEM, para a promoção do desenvolvimento cognitivo e da formação social através da livre expressão das crianças nas suas falas, nos seus escritos ou nas atividades em que se envolvem na escola. Esta expressão livre tem como objetivo assegurar a autenticidade na comunicação e atribui sentido social a todas as aprendizagens essenciais pelas quais a escola se rege. Desta forma, os alunos desenvolvem representações variadas e constroem, em interação, os conhecimentos sobre o mundo e a vida, pois este modelo pedagógico defende que é em interação comunicativa que se desenvolve a componente psicológica e social de todos os educandos. Neste clima de trocas frequentes de produções e de saberes, as crianças constroem “a dimensão social das aprendizagens e o sentido solidário da construção cultural dos saberes e das competências instrumentais que os expressam (a escrita, o desenho, o cálculo) (Niza,

1998, p.80). O sentido social das aprendizagens, construído através da cooperação, estimula naturalmente a motivação intrínseca do trabalho.

As estruturas de cooperação educativa, são baseadas na cooperação, em que as crianças trabalham em pequenos grupos ou em pares para conseguirem atingir um mesmo objetivo. Neste processo adquirem competências, colocando de lado o espírito competitivo da organização do trabalho na escola, pois pressupõe-se que o objetivo só é atingido com sucesso se cada um dos outros também o tiver conseguido atingir. Nesta lógica, o sucesso de uma criança, contribui para o sucesso de todo o grupo, porque a cooperação é uma relação social que pressupõe uma reciprocidade entre todas as crianças que sabem ou nela aprendem a diferenciar os seus pontos de vista e opiniões (Niza, 1998).

Por fim, a participação democrática direta, que se manifesta como a terceira dimensão fundamental do modelo, traduz-se no envolvimento direto dos alunos na organização e gestão do currículo e do quotidiano da escola, permitindo a formação democrática através da sua vivência. Assim sendo, as atitudes, os valores e as competências sociais e éticas que um estado democrático pressupõe e integra, são construídos pelos alunos e os professores em cooperação, experienciando e desenvolvendo a própria democracia na escola, tecida na entreajuda e no respeito, em contextos onde a livre expressão, a comunicação e a cooperação constituem os pilares da prática educativa (Niza, 1998).

Consequentemente, a participação quer-se de forma direta e representativa, o que implica a gestão cooperada pelos alunos e pelos professores do currículo, das planificações semanais e da avaliação na sua dimensão formativa, ligada à apropriação dos conteúdos do currículo para regular o processo de aprendizagem. Este ato de constante circulação e utilização da informação e da cultura decorre da função social e por isso a constante partilha é importante, pois esta acrescenta o próprio saber e desenvolve-o em cada aluno que, por sua vez, enriquece o património cultural de um determinado grupo (Niza, 1998).

2.2.1 Plano Individual de Trabalho e Tempo de Estudo Autónomo

Segundo Niza (1998), o sistema de pilotagem do trabalho com todos os instrumentos que nele estão envolvidos, regista a atividade da turma e fomenta um ambiente de aprendizagens formativo que exige dos alunos um esforço de autorregulação na planificação do seu trabalho, quer seja individual, de grande grupo ou de pequenos grupos e a respetiva avaliação, tomando consciência das suas aprendizagens tendo em vista o seu

progresso. Assim, os instrumentos de pilotagem assumem um papel preponderante na organização e na realização das propostas de trabalho.

O Plano Individual de Trabalho é um desses instrumentos, que permite fomentar não só a autonomia dos alunos, mas também a gestão das necessidades de cada aluno, tendo por isso um papel muito importante na condução intencional dos processos de aprendizagem, já que: “através dele o grupo faz a mediação dos processos sociais e cognitivos em que se envolve, participando nas diversas atividades para esse efeito” (Liberal, 2010, p. 40). Como Grave-Resendes e Soares (2002) afirmam, este instrumento característico do modelo do Movimento da Escola Moderna é um guia do trabalho desenvolvido ao longo da semana, em que cada criança planifica e cumpre todo esse plano de acordo com os seus interesses e necessidades (Santana, 1999).

Para além de instrumento de planificação e guia do trabalho a desenvolver pela criança, tendo como objetivo a sua autonomia progressiva a diferentes níveis, tem também uma função reguladora dos processos, através da sua dimensão da avaliação semanal das aprendizagens (Santana, 1999). Assim, o PIT está inserido na dinâmica de trabalho da sala, promovendo a articulação das diferentes áreas disciplinares, ajudando a que as crianças, de forma gradual e em cooperação, se consciencializem do seu percurso académico.

Para além disso, através de parcerias de trabalho, os alunos conseguem aperfeiçoar técnicas de produção, colmatar possíveis fragilidades em algumas competências através do treino ou até mesmo consolidar alguns conteúdos. Contudo, Santana (1999) salienta a importância da tomada de consciência das potencialidades de cada criança e as aprendizagens que dominam, com o objetivo de se organizarem em estruturas de entreajuda para que todos possam atingir níveis mais elevados de sucesso, com a ajuda de colegas ou o apoio do professor.

É ainda importante salientar que o PIT é um instrumento que operacionaliza a diferenciação pedagógica, pois cada criança consegue planear a semana e concretizar as tarefas que escolheu para dar resposta ao currículo, consciencializando-se das suas fragilidades e potencialidades (Pinto & Gomes, 2013). Pinto e Gomes (2013) enumeram ainda alguns fatores que consideram determinantes aquando da realização do Plano Individual de Trabalho que vão contribuir diretamente para a promoção e o desenvolvimento de uma aprendizagem autorregulada.

Na fase de planeamento e antecipação de uma tarefa, o aluno deve definir de forma clara o seu objetivo, tomando consciência daquilo que se compromete a fazer com a adoção de algumas estratégias. Na fase de execução, a criança coloca em prática o plano que delineou inicialmente, ao longo de toda a semana, fazendo os seus registos e tarefas de modo a que compreenda o que já realizou e o que ainda está em falta em relação ao que se propôs a fazer, monitorizando o seu trabalho. Por último, na fase de autorreflexão e de correção, o aluno faz a avaliação do seu Plano Individual de Trabalho no espaço dedicado para a autoavaliação do plano, bem como são feitas avaliações pelos seus pares e ainda pelo professor (Pinto & Gomes, 2013).

Relativamente à avaliação do Plano Individual de Trabalho, esta é realizada no final de cada semana e acontece em dois momentos e em modalidades distintas: de forma individual e coletiva. A de carácter individual, ocorre no final da semana, pretendendo-se que os alunos façam a sua autoavaliação do Tempo de Estudo Autónomo da semana, mobilizando alguns critérios que o grupo estabeleceu previamente em conjunto. A de carácter coletivo, acontece à semelhança da individual ao final de cada semana, mas no conselho de turma, tendo como objetivo avaliar formativamente o trabalho e que cada criança regule o seu processo de aprendizagem, refletindo sobre o mesmo. Este momento acontece para que todos possam ser ajudados pelos seus colegas para ultrapassarem, em conjunto, as dificuldades (Serralha, 2007).

Segundo Grave-Resendes e Soares (2002), o Plano Individual de Trabalho pode assumir diversas estruturas, no entanto normalmente é constituído por uma ou duas páginas que estão divididas em diferentes áreas (Figura 1):

- Um espaço para o nome do aluno e a data;
- Um espaço com a listagem das tarefas que podem ser realizadas no âmbito do Português, Matemática, Estudo do Meio e outros com os respetivos retângulos para que as crianças possam registar;
- Um espaço para a avaliação do trabalho de projeto e outro para colocar se cumpriram ou não o PIT, justificando a sua resposta;
- Um espaço com o objetivo de registar o número de produções apresentadas e qual a tarefa semanal, para posterior avaliação com utilização de cores;
- Um espaço que se destina ao registo das parcerias com os colegas: dia, com quem, o quê e a respetiva avaliação;

- Um espaço para registar qual a sua tarefa semanal e a avaliação que teve na avaliação da mesma;

- Um espaço destinado à avaliação, onde são distinguidas a autoavaliação do trabalho realizado, comentário da professora sobre o mesmo e o comentário dos colegas. Para além disso, contempla ainda um espaço para que a criança possa escrever o que tem de melhorar na semana seguinte.

Figura 1

Exemplo do Plano Individual de Trabalho

Plano Individual de Trabalho n.º

Nome: _____ Semana de: ___ / ___ / ____ a ___ / ___ / ____

	Previsão	Plano de Tarefas	Totals	O que fiz no trabalho de Projeto/Temas de estudo			
<small>2-300K posso fazer no T.E.A.</small>							
Português	Escrita livre/pares						
	Revisão de um texto a pares						
	Leitura (e texto sobre o livro)						
	Ditado a pares						
	Ficha de Ortografia						
	Ficha de Gramática						
	Ficha de Leitura Funcional						
	Ficha de Textos da Turma						
Ficha de Conjugação de Verbos				<input type="text"/> T.P.:			
Ficha de Verificação							
Matemática	Ficha de Números e Operações						
	Ficha de Contas						
	Ficha de Geometria e Medida						
	Ficha de Problemas						
	Ficha de Org. e Tratamento de Dados						
	Inventar um Problema						
	Ficha de Verificação						
Estudo do Meio	Estudo do resumo de um projeto						
	Ficha de Estudo do Meio e Projetos						
	Ficha de História						
Outros	Acabar/melhorar trabalhos						
	Produção artística						
	Ed. Física (regras, campo ...)						
Total de atividades previstas e realizadas							
PRODUÇÕES APRESENTADAS		A MINHA TAREFA:					
Dia	O quê	Com quem	Av.	Dia	O quê	Com quem	Av.
Avaliação do meu trabalho				Na próxima semana vou:			
				MELHORAR:			
				AVALIAR:			
Comentário da professora				Comentário dos colegas			

Como explicita Niza (1998), o Plano Individual de Trabalho é cumprido nos momentos estipulados na agenda para o Tempo de Estudo Autónomo, de modo a que os alunos a pares ou de forma individual possam aperfeiçoar as suas capacidades e competências

previstas no currículo, com acesso a exercícios propostos em ficheiros de trabalho; estudar recorrendo aos materiais que têm à sua disposição nos textos ou manuais; fazer leituras, ou outras atividades de revisão ou consolidação para o desenvolvimento das aprendizagens.

Ao longo deste Tempo de Estudo Autónomo, o professor vai, rotativamente, apoiando os alunos que possam revelar mais dificuldade ajudando-os a avançar nas diversas áreas do saber. Este é um momento que suporta a diferenciação pedagógica (Niza, 1998). Desta forma, procura operacionalizar-se uma escola mais inclusiva para que todas as necessidades reais dos alunos sejam trabalhadas e para que estes possam aprender tudo o que ainda não dominam (Serralha, 2007). Assim, como Pinto e Gomes (2013) afirmam:

O Tempo de Estudo Autónomo é uma rotina de aprendizagem em que se pretende que cada aluno trabalhe de acordo com as suas características pessoais: os interesses, as aprendizagens prévias e as limitações, mas fundamentalmente de acordo com as suas dificuldades e promovendo o desenvolvimento do seu potencial (p.109).

Niza (2009) argumenta ainda que o trabalho desenvolvido no Tempo de Estudo Autónomo foca-se em treinar técnicas e competências curriculares que necessitem de produções escritas, revisões de textos, mas também no estudo de conteúdos programáticos, escolhidos pelas próprias crianças e/ou foram sugeridos na avaliação realizada ao Plano Individual de Trabalho quer pela professora quer pelos colegas da turma. Nesta perspetiva, o PIT é um instrumento basilar no Tempo de Estudo Autónomo, uma vez que apoia a regulação desse momento de trabalho (Niza, 2009).

O desenvolvimento desta rotina, permite ao docente disponibilizar mais tempo para acompanhar cada aluno de forma individualizada e personalizada, ajudando também aqueles que apresentam mais fragilidades. Assim, são combinados previamente os apoios, por iniciativa de cada aluno ou a pedido do professor, para que as fragilidades nos conteúdos sejam colmatadas. Para estes momentos de trabalho são combinadas em conjunto as principais regras de trabalho, para que o Tempo de Estudo Autónomo possa ser proveitoso para todos os intervenientes, como por exemplo, “a interdição [do professor] ser interrompido pelos alunos enquanto faz apoio individual” (Niza, 2009, p.4). Se todos os alunos cumprirem esta regra, criam-se condições para que estes respeitem o

trabalho que está a ser desenvolvido pelas restantes pessoas pertencentes ao grupo, permitindo-lhes encontrar outras estratégias para colmatarem as dificuldades, recorrendo por exemplo aos seus pares para o ajudarem e promovendo, simultaneamente, a sua autonomia.

Em síntese, podemos dizer que o objetivo do Tempo de Estudo Autónomo é a redução gradual da dependência do aluno (Serralha, 2007). Desta maneira, os alunos aprendem a estudar, desenvolvendo métodos de estudo e a autonomia, num ambiente alicerçado na cooperação e na entreatajuda, ao invés da competição (Niza, 2009).

Capítulo III – Opções Metodológicas

3.1 Metodologia

A investigação que pretende ser desenvolvida através do presente relatório de prática de ensino supervisionada centra-se numa problemática que surgiu do contexto de estágio, tendo como objetivo dar resposta ao fenómeno educativo em análise.

Segundo Alves e Azevedo (2010), a investigação em educação é um campo de ação que exige um pensamento e uma reflexão multi-refenciada pela diversidade de perspetivas disciplinares e metodológicas que pode integrar. Desta forma, investigar em educação é uma busca holística constante dos fenómenos educacionais e a necessidade de assegurar o rigor e a sustentação da diversidade de perspetivas existentes.

Assim, a metodologia utilizada para o desenvolvimento do presente relatório, de modo a dar resposta às questões orientadoras é de natureza qualitativa, pois de acordo com Alves e Azevedo (2010) é o tipo de metodologia que mais se adequa para compreender os fenómenos educacionais, uma vez que tem em conta a pluralidade de realidades considerando as diversas perspetivas disciplinares (Alves & Azevedo, 2010).

Bogdan e Biklen (1994) apresentam cinco características referentes à tipologia de investigação qualitativa. A primeira é que a fonte direta da recolha de dados é o ambiente natural, sendo que o investigador é o instrumento principal. Assim, através da observação nos contextos naturais verificam-se e compreendem-se procedimentos e situações importantes que promovem o desenvolvimento do estudo. Todos os dados são recolhidos nas situações reais e são completados com a informação que se obtém através do contacto direto.

A segunda característica é que a investigação qualitativa é de carácter descritivo, pois todos os dados que o investigador recolhe são palavras, imagens e não números, contendo

citações de dados escritos para ilustrar e fundamentar a informação, isto é, para além de descritiva deve ser também explicativa e interpretativa dos fenómenos. Para tal, é fundamental que os dados se mantenham autênticos na forma como estão consignados e são transcritos de entrevistas, notas de campo, documentos pessoais, entre outros meios, abordando a realidade de forma minuciosa.

Quanto à terceira característica, refere que a metodologia qualitativa tende a focar-se mais no processo do que propriamente no produto final, permitindo que a investigação seja de carácter flexível (Bogdan & Biklen, 1994). Desta forma, as diferentes fases do processo investigativo estão interligadas: enquadramento teórico, estratégias e métodos de pesquisa, recolha e análise de dados e a avaliação dos resultados. Assim sendo, a quarta característica deste tipo de metodologia prende-se com o facto de que a análise dos dados tende a ser feita de forma indutiva, isto porque são agrupados à medida que vão sendo recolhidos ao longo do tempo (Bogdan & Biklen, 1994).

Por fim, a quinta característica da metodologia qualitativa, salienta a relevância do significado a atribuir aos dados e de os aceitar, independentemente dos seus diferentes pontos de vista bem como do papel dos participantes no decorrer da investigação (Bogdan & Biklen, 1994).

3.2 Técnicas e instrumentos de investigação

De acordo com Aires (2015), a fase de seleccionar as técnicas de recolha de dados a utilizar durante todo o processo de pesquisa e consequente desenvolvimento da investigação é essencial, pois têm de estar relacionados com os objetivos definidos que se pretendem alcançar.

As técnicas e instrumentos de investigação que se pretendem utilizar no presente relatório centram-se na observação naturalista, observação sistemática e ainda a realização de entrevistas semiestruturadas. Para além disso, os registos efetuados no diário de bordo bem como no portefólio de estágio são também instrumentos que apoiaram a realização deste estudo e que serão mobilizados. Para reforçar a informação que foi sendo recolhida, estes instrumentos de recolha de dados são acompanhados de fotografias e de diálogos de alguns momentos do TEA; cumprimento ou não do PIT, assim como de situações de planificação e avaliação não só do Plano Individual de Trabalho bem como do Tempo de Estudo Autónomo. Para tal, como Bogdan e Biklen (1994) explicam, o investigador na metodologia de investigação qualitativa tem de

recolher dados vivendo a situação real e por isso a informação é reunida com base no contacto direto e na vivência.

No que diz respeito à observação, Aires (2015) explicita que consiste “na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto direto com situações específicas” (p.25). Assim, a observação quando realizada de um ponto de vista qualitativo é essencialmente naturalista e pratica-se no próprio contexto com os intervenientes que fazem parte da interação e por isso é que tem um caráter flexível e aberto (Aires, 2015).

A observação naturalista, acontece, claramente, no ambiente natural em que o investigador está inserido. Ainda que possa ser participante, deve estar distanciados para conseguir observar e descrever com pormenor as situações e os comportamentos dos indivíduos que estão inseridos neste contexto (Dias & Morais, 2004). Todos os registos recolhidos neste período de observação naturalista estão contidos no diário de bordo, que se inclui no leque de instrumentos que podem ser utilizados na observação naturalista.

Por outro lado, a observação sistemática realizada foi acompanhada de um método concreto de registo e recolha de dados tal como Dias e Morais (2004) aconselham. Para tal, foram utilizadas duas grelhas de observação, pensadas com o objetivo de focar a observação num sentido mais concreto: uma grelha para o PIT e outra para o TEA. A elaboração destas duas grelhas de observação foi inspirada em dois modelos utilizados no estudo de Preza (2022), pela sua investigação ter objetivos muito semelhantes a esta e por considerar pertinente a sua mobilização.

Por fim, a realização de entrevistas semiestruturadas é também uma técnica utilizada no presente relatório, pois de acordo com Aires (2015) esta é uma das técnicas “mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano” (p.27). Para Haguette (1995) esta técnica é entendida como um processo de interação social entre duas pessoas: o entrevistador, que tem como foco recolher informações do outro e o entrevistado. Todas estas informações que são recolhidas têm como base um guião de entrevista que é, resumidamente, uma lista de pontos ou temas que são previamente estabelecidos de acordo com a temática que se pretende estudar. É de realçar que embora não sejam entrevistas completamente estruturadas, os tópicos estabelecidos são para ter em conta (Haguette, 1995).

Na elaboração da entrevista são para serem tidos em conta quatro componentes essenciais que se completam entre si: o entrevistador, o entrevistado, a situação da

entrevista e o instrumento de captação de dados, isto é, o guião de entrevista (Haguette, 1995). Também Kakhtin (1995 citado por Aires, 2015) reforça este ponto de vista explicando que a prática da entrevista está enquadrada numa conceção dialógica que tem subjacente uma relação entre “o eu, o outro, o contexto e o tema da comunicação” (p.32).

3.3 Procedimentos

A recolha de informação realizada com o objetivo de responder às questões orientadoras colocadas no início do presente relatório decorreu desde o início do estágio. Assim, numa primeira fase foi realizada uma observação naturalista com o propósito de conhecer e caracterizar a dinâmica da turma, bem como da instituição que auxiliou na identificação da problemática em estudo. Esta observação foi registada no diário de bordo e no portefólio de estágio através de diálogos em sala de aula, fotografias e descrições de momentos que remetiam para o tema. Todos estes registos realizados no âmbito da observação naturalista permitiram a melhor compreensão da utilização e avaliação do Plano Individual de Trabalho, nos momentos estabelecidos na rotina de Tempo de Estudo Autónomo.

Numa segunda fase, passou-se para uma observação sistemática de três alunos com níveis distintos de autonomia na aprendizagem, que teve como objetivo direcionar o olhar sobre determinados fatores relacionados com o Plano Individual de Trabalho e com o Tempo de Estudo Autónomo. De forma a assegurar que toda a informação considerada fundamental era recolhida foram construídas duas grelhas de observação com base em dois modelos presentes no estudo de Preza (2022). A primeira está relacionada com o Plano Individual de Trabalho, que foi preenchida em dois momentos distintos focando as fases de planificação e de avaliação do mesmo tendo identificado alguns critérios para direcionar a observação e análise destes momentos (Figuras 2 e 3). Assim, os primeiros três pontos foram observados e registados às segundas-feiras, uma vez que são os momentos em que os alunos planeiam o seu Plano Individual de Trabalho. Os dois últimos pontos foram registados aquando da avaliação do PIT, que decorre às quintas-feiras.

Figura 2

Grelha de observação e análise do PIT

Indicadores:		
	Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023	Semana 08/05/2023
Como planeia? Quantas atividades marca e de que tipologia?		
Planeia em função de quê? (dos comentários da professora no PIT anterior, dos comentários dos colegas, dos compromissos assumidos na turma, da sua consciência do que precisa de trabalhar a partir da lista de verificação)		
O que regista no seu PIT e como usa esse instrumento como forma de regular o seu trabalho (o que escolhe primeiro, como vai estabelecendo prioridades, como usa o PIT para se lembrar dos compromissos...)		
Como avalia e quem avalia (como vê o trabalho realizado ao longo da semana, se usa critérios construídos pela turma para argumentar, qual o seu nível de reflexão)		

e de tomada de consciência ...)		
Que critérios utiliza para avaliação do PIT?		
Cumpre o seu PIT (se está presente a adequação daquilo que pensa fazer e o que realmente fez e de que precisa de fazer) – adequação do número que fez relativamente ao que marcou.		

Já a grelha referente ao Tempo de Estudo Autónomo foi registada no momento de TEA mais longo da semana (1hora e 15minutos), dividindo o horário para conseguir observar as três crianças, compreender como iam desenvolvendo o seu trabalho e se cumpriam ou não os critérios estabelecidos. Com a utilização da técnica de observação sistemática, foi possível perceber de forma mais rigorosa os momentos de Tempo de Estudo Autónomo e a respetiva utilização do Plano Individual de Trabalho, como um recurso no desenvolvimento da ação dos alunos e da sua autonomia assim como na autorregulação do seu processo de aprendizagem.

Figura 3

Grelha de observação e análise do TEA

Indicadores:	Semanas de observação:	
	Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023	Semana 08/05/2023
Pede apoios quando verifica alguma necessidade/dificuldade (a quem, em quê, quando)		
Solicita parcerias quando verifica essa necessidade/dificuldade (com quem, porquê, em que áreas)		

Cumpre o seu compromisso semanal		
Realiza fichas de verificação		
Realiza ficheiros para treino de conteúdos nas diversas áreas		
Nível de concentração (compreender o nível de envolvimento)		

Relativamente às entrevistas, foram realizadas à professora cooperante e aos três alunos nos quais foquei a minha observação sistemática, escolhidos de acordo com o conhecimento que fui recolhendo de cada um ao longo do tempo de observação naturalista e do conhecimento que a professora tinha sobre os mesmos, acerca dos seus níveis de autonomia, que são diferentes entre si.

As entrevistas aos alunos (Anexo I) tiveram como principal objetivo compreender quais as conceções dos mesmos sobre o Plano Individual de Trabalho e o Tempo de Estudo Autónomo no desenvolvimento da sua própria autonomia na aprendizagem. Considerei relevante entrevistar as crianças porque é notório que estas fazem parte de todo o processo de ensino e aprendizagem neste contexto, sendo ativas no mesmo. Desta forma, a entrevista está organizada em quatro grupos, sendo que o primeiro diz respeito ao Tempo de Estudo Autónomo. O segundo grupo é referente ao Plano Individual de Trabalho e de que forma este instrumento contribui para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. O terceiro grupo é destinado à planificação do trabalho, com o propósito de compreender como é que os alunos sabem o que devem planear e se cumprem sempre o que planeiam. O quarto e último grupo é alusivo à avaliação do trabalho para compreender como é que os alunos corrigem as suas tarefas e de que forma reconhecem se os conteúdos aprendidos já estão consolidados.

A entrevista à professora cooperante (Anexo II) teve como objetivo geral perceber de que forma a promoção da autonomia na aprendizagem está presente na prática educativa da docente entrevistada e qual a sua concepção acerca do tema, assim como para compreender de que forma a turma foi evoluindo do ponto de vista da autonomia nas aprendizagens, desde o início do 1.º Ciclo até agora, no final do 4º ano de escolaridade. Este guião de entrevista é composto, essencialmente, por dois grupos de perguntas, onde é evidenciado primeiramente o seu percurso profissional para caracterizar a entrevistada. O segundo grupo centra-se em conhecer as perspetivas da professora cooperante acerca da autonomia da turma que acompanha assim como das suas práticas pedagógicas e instrumentos utilizados para promover o desenvolvimento do grupo de alunos.

Todas as entrevistas foram transcritas e, de forma a recolher a informação pertinente para o desenvolvimento deste estudo, foram também analisadas.

Capítulo IV – Análise reflexiva decorrente da Prática Supervisionada

Em conformidade com as questões de investigação estabelecidas foi necessário perceber de que forma é que a utilização do Plano Individual de Trabalho (PIT) e o Tempo de Estudo Autónomo estabelecido na rotina semanal são utilizados pelos alunos. Por essa razão, apresentarei de forma reflexiva todos os dados recolhidos, cruzando a informação das entrevistas realizadas e das grelhas de observação sistemática com os referenciais teóricos. É fundamental realçar ainda que a informação recolhida refere-se a três crianças diferentes, com graus de autonomia na aprendizagem também eles diferentes, tendo as suas particularidades. Por essa razão, a análise irá ser feita em separado.

Considero importante, antes da apresentação dos dados de cada criança, elaborar uma pequena contextualização sobre a utilização do Plano Individual de Trabalho e a realização do Tempo de Estudo Autónomo na turma onde estive inserida no decorrer da Prática Supervisionada.

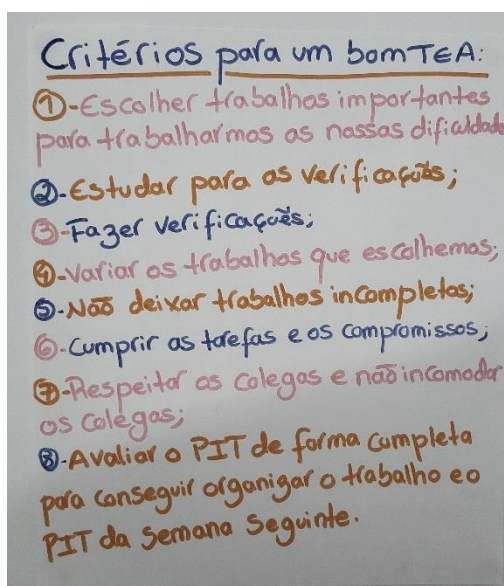
Os alunos fazem o planeamento do seu PIT à segunda-feira, no momento de Tempo de Estudo Autónomo da tarde, onde partilham ou não a sua necessidade de marcar apoio individual com a professora titular, ou se pretendem estabelecer alguma parceria com algum colega que os complemente a nível dos conteúdos, ajudando-os a evoluir. No decorrer da semana, ao longo de todos os dias, excetuando à quarta-feira, os alunos realizam as tarefas que se comprometeram a fazer e que marcaram no seu Plano Individual de Trabalho. O momento de TEA que, segundo a agenda semanal, está previsto acontecer às quintas-feiras é destinado à autoavaliação dos alunos relativamente ao trabalho que desenvolveram, mobilizando os critérios estabelecidos para tal.

É também neste momento de avaliação individual, que os alunos comentam o Plano Individual de Trabalho dos seus colegas, sendo normalmente o colega com quem trabalhou em parceria ou então que está inserido no seu grupo. No final deste dia, a professora titular leva os cadernos de Tempo de Estudo Autónomo para casa para também fazer a sua avaliação escrita, comentando o PIT de cada criança. De acordo com Niza (2009), todos estes registos escritos são fundamentais para guiarem a criança na regulação do seu trabalho realizado no Tempo de Estudo Autónomo.

Às sextas-feiras, a professora devolve todos os cadernos aos seus alunos para lhes dar feedback. Alguns leem a sua avaliação no conselho de turma, registando-se a avaliação de cada Plano Individual de Trabalho na tabela estabelecida para tal (verde se o cumpriu, vermelho se não o cumpriu). Como algumas crianças entraram no grupo recentemente, a meio da investigação fizemos um balanço conjunto para relembrar os critérios importantes a mobilizar na avaliação do Plano Individual de Trabalho, nomeadamente sobre o planeamento de atividades com conteúdos que trabalhem as suas dificuldades e a importância de que uma grande quantidade de trabalhos nem sempre indica a relevância dos mesmos (Figura 4).

Figura 4

Crítérios para realizar um bom TEA



Toda esta reflexão e análise conjunta do trabalho que as crianças vão desenvolvendo, permitem uma avaliação formativa, com base em critérios que direcionem o trabalho individual e de forma a que este seja avaliado entre pares e em grande grupo, percebendo em que podem melhorar (Liberal, 2010).

Para que a análise dos dados de cada criança siga a mesma cronologia do processo ao longo da semana, irei descrever e focar a observação desenvolvida pela mesma ordem que é cumprida desde a planificação do Plano Individual de Trabalho até à avaliação do mesmo.

4.1. Análise dos dados da criança 1

Como foi possível constatar a partir das grelhas de observação sistemática (ver Anexo IX), a criança 1 planeou propostas variadas, em diferentes áreas disciplinares para dar resposta às diversas vertentes do currículo, marcando um número de atividades considerado razoável, não sendo em excesso para conseguir cumprir o seu plano.

As suas escolhas surgiram em função da consciência que esta criança tem acerca das suas dificuldades e do que precisava de trabalhar e treinar e só depois realiza tarefas que são do seu gosto. Esta informação verifica-se na entrevista realizada a esta criança, quando esta diz: “Eu primeiro penso em atividades que me possam ajudar a melhorar, em coisas que tenho mais dificuldades e depois penso numa coisa que gosto de fazer e marco” (excerto da entrevista à criança 1, anexo III). Esta situação evidencia que a criança consegue refletir de forma positiva acerca da sua aprendizagem, justificando as propostas contidas no seu planeamento de forma pertinente e relacionando-as com o pensamento metacognitivo que (Folque, 2018) explica. Esta autora explicita a clara relação entre a aprendizagem e a metacognição, que é importante para que a criança tome decisões e ganhe responsabilidade no seu processo de aprendizagem, desenvolvendo a sua autonomia.

Neste sentido, é possível concluir que a criança consegue fazer um bom planeamento do seu Plano Individual de Trabalho, uma vez que consegue priorizar as suas dificuldades em detrimento de atividades do seu gosto, tendo um domínio crescente sobre o seu processo de aprendizagem como Folque (2018) explicita, cumprindo os seus objetivos semanais e autorregulando-se sem o apoio do professor (Mogilka, 1999).

No que diz respeito aos Tempos de Estudo Autónomo, a criança explica que é “um tempo que nós usamos para fazer trabalhos sozinhos em vez de ser como costumamos fazer todos juntos. Eu acho que o Tempo de Estudo Autónomo serve para sermos mais autónomos e para trabalharmos as dificuldades que temos” (excerto da entrevista à

criança 1, anexo III). A conceção deste aluno vai ao encontro de Pinto e Gomes (2013), que afirmam que este é um momento da rotina semanal em que é esperado que cada criança trabalhe tendo em conta as suas fragilidades e dificuldades, para promover o desenvolvimento das suas potencialidades.

Todos os momentos de TEA são guiados pelo Plano Individual de Trabalho onde cada criança regista com uma cruz as atividades que pretende realizar. Este instrumento de regulação da aprendizagem “ajuda-nos a ser mais autónomos e a tomar decisões para sabermos que atividades podemos escolher” (excerto da entrevista à criança 1, anexo III). A criança acrescenta ainda que nos Tempos de Estudo Autónomo abre o caderno onde está o PIT para poder verificar o que tem de fazer e assim gerir o seu tempo e as tarefas que tem marcadas e isso verificou-se à medida que a observação sistemática foi realizada: efetivamente, à medida que realizava o seu trabalho, marcava-o como feito no seu PIT. Pinto e Gomes (2013) evidenciam que esta é uma das fases fundamentais que indicam que a criança consegue autorregular o seu trabalho (fase de concretização).

Assim a criança 1, ao registar a concretização das tarefas a que se propôs, assumindo esse compromisso, regula o seu próprio processo de aprendizagem, gerindo o seu trabalho de forma autónoma e consciencializando-se de quando adquiriu os conhecimentos previstos (Mogilka, 1999). A criança 1 acrescenta ainda: “normalmente cumpro sim sempre o plano” tendo plena consciência que consegue adquirir os conhecimentos quando “faço mais exercícios e quando percebo que já são fáceis é porque já sei e porque consegui perceber” (excerto da entrevista à criança 1, anexo III).

No que concerne aos apoios e às parcerias, sempre que sente essa necessidade recorre a esse apoio, tendo sempre presente as diferentes estratégias que pode adotar para colmatar as suas dúvidas: através dos colegas ou da professora. É de verificar na observação realizada através do uso das grelhas, que a criança sempre que necessita faz essa marcação de apoios ou então estabelece parcerias com colegas que sabe que o completam a nível da aprendizagem e do domínio dos conteúdos. Este ambiente de comunidade de aprendizagem é fundamental para os alunos, é um dos pilares do Modelo do Movimento da Escola Moderna, nomeadamente com as estruturas de cooperação que contrariam o trabalho individual e que promovem competências de entajuda e de trabalho colaborativo para enfrentar as dificuldades, desenvolvimento diversas competências nas crianças (<https://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>). É precisamente neste sentido que a criança 1 demonstrou ser resiliente, pois procura sempre ultrapassar as suas dificuldades recorrendo a diversas tipologias de tarefas (ver anexo do

PIT XV) e encontrando estratégias para as ultrapassar, procurando ajuda adequada para tal, sempre que considera pertinente, o que Folque (2018) refere ser uma atitude que revela autonomia na aprendizagem.

No que diz respeito à avaliação do PIT, a criança 1 procurou sempre basear-se nos critérios que foram estabelecidos para “um bom TEA” (figura 4), realçando aqueles em que tem de melhorar, demonstrando consciência do trabalho desenvolvido, referindo numa das vezes que tinha de conversar menos para se conseguir concentrar e trabalhar melhor. O momento de avaliação é outra das fases que Pinto e Gomes (2013) defendem como importante para verificar uma aprendizagem autorregulada, tal como a criança 1 verifica – a fase de autorreflexão. Neste momento, para além da autoavaliação é feita também uma avaliação da docente que faz um comentário sobre o trabalho desenvolvido ao longo da semana, dando sugestões de melhoria, e ainda dos outros alunos, os quais fazem igualmente comentários escritos. Toda esta situação é realizada num ambiente de cooperação e de comunicação, que desenvolve a metacognição das crianças (Folque, 2018).

4.2. Análise dos dados da criança 2

À semelhança da criança 1, a análise da criança 2 passa pela planificação do PIT, a realização do planeado durante o TEA e pela sua avaliação.

Relativamente à planificação do Plano Individual de Trabalho, a criança 2 variou a tipologia de atividades que marcou (ver anexo XI), dando resposta às diferentes áreas disciplinares, contudo, é importante realçar que algumas dessas tarefas ela já as tinha marcado repetidamente não sendo sempre desafiantes, sendo até fáceis para a aluna em questão. No entanto, foi alertado de forma oral por um colega e conseguiu corrigir este aspeto ao longo do tempo.

De acordo com o Modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna, que fomenta a gestão compartilhada e cooperada dos conteúdos, as crianças têm neste período a possibilidade de comentar os Planos Individuais dos seus colegas e, por isso, essas sugestões podem ajudar à melhoria do planeamento do trabalho na semana seguinte, a partir da tomada de consciência de forma partilhada (<https://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>).

O planeamento do PIT normalmente decorreu da sua consciência do que tem dificuldade, interligando essas tarefas com outras que gosta de fazer, tendo em conta os comentários da professora no PIT (anexo XI). Para além disso, a criança 2 reforça ainda quando planeia à segunda-feira: “eu vejo que é que eu não fiz na semana passada para

marcar outra vez nesta semana que eu não fiz ou que deixei trabalhos incompletos. Depois, eu marco algumas coisas que eu preciso de ver, rever ou estudar” (excerto da entrevista à criança 2, anexo IV). Este é um aspeto que revela autonomia na aluna, apesar de por vezes escolher tarefas de um grau de dificuldade mais baixo. A criança 2 reforça ainda que o que marca no PIT “Depende muito de cada semana, marco atividades que vão trabalhar o que tenho dificuldades de conteúdos que estão mais para trás ou de conteúdos mais atuais e vou estudando e fazendo verificações.”, “cumprindo normalmente sempre o que planeio” (excerto da entrevista à criança 2, anexo IV). Este aspeto evidencia claramente a autonomia do aluno, uma vez que toma consciência de qual o objetivo do Tempo de Estudo Autónomo.

No que diz respeito à conceção que a criança tem acerca do PIT e do TEA, de acordo com a entrevista realizada, explica que este último é “um tempo que podemos aprender coisas, estudar e rever coisas para tirar algumas dúvidas e fazer fichas. É um tempo que tens de ser autónomo e gerir o teu trabalho” (excerto da entrevista à criança 2, anexo IV). A esta conceção, o aluno acrescenta ainda que o PIT “é um instrumento para marcarmos as atividades que vamos fazer e sermos autónomos”, ajudando-a a ser mais autónoma e a fazer as tarefas sozinha ou em parcerias ou apoios, o que revela a sua consciência sobre a importância da autonomia, no sentido de encontrar estratégias para autorregular o seu trabalho, entendendo o papel do PIT (Mogilka, 1999).

Neste sentido, à medida que a criança vai cumprindo as tarefas que marcou vai pintando as mesmas de verde, para se regular no que lhe ainda falta fazer e o tempo que tem para tal, concluindo a etapa de concretização, que segundo Pinto e Gomes (2013) é essencial pois revela que o aluno toma consciência das tarefas que realizou e do que lhe falta concluir fazendo neste processo um balanço do seu trabalho. Ainda sobre os momentos do Tempo de Estudo Autónomo, é de realçar que a criança 2 não solicitou nenhum apoio com a aluna estagiária nem com a professora, o que é um fator a melhorar pois de acordo com Pinto e Gomes (2013) trabalhar com o professor é conseguir também trabalhar dentro da Zona de Desenvolvimento e permitir o desenvolvimento cognitivo para depois permitir estratégias autorregulatórias. O pedido de ajuda é assim uma estratégia determinante da aprendizagem autorregulada que a criança deverá aperfeiçoar e trabalhar para melhorar. No entanto, a aluna afirma que já consegue perceber quando domina os conteúdos, a partir da realização de fichas dos ficheiros, pedindo depois ao adulto para lhe colocar questões: “Por exemplo, quando eu estudo e a Carolina faz-me

algumas perguntas e eu respondo e depois quando eu souber responder mesmo a tudo é que eu tenho a certeza que sei” (excerto da entrevista à criança 2, anexo IV).

No que toca à avaliação do Plano Individual de Trabalho e ao trabalho realizado ao longo dos momentos do Tempo de Estudo Autónomo, através das grelhas de observação sistemática, foi possível concluir que a criança 2 teve em conta os critérios que estabelecemos em conjunto para um “bom TEA”, justificando com base na reflexão real do seu trabalho. É de salientar que refere pontos a melhorar, nomeadamente diminuir a conversa com outros colegas, que a podem levar à distração e do qual teve consciência no momento de fazer a sua avaliação, o que revela um comportamento autónomo e capacidade de autorreflexão, o que nos leva a afirmar que consegue fazer uma autoavaliação equilibrada, focando os seus pontos fortes e os que têm de ser melhorados (Folque, 2013).

4.3 Análise dos dados da criança 3

Tal como as análises dos dados realizadas anteriormente nas duas crianças, a análise da criança 3 seguirá a mesma estrutura, passando pelo planeamento do PIT, salientando os momentos de TEA e terminando na avaliação dos mesmos.

A criança 3 chegou ao grupo recentemente, isto é, no final do 3.º ano de escolaridade, tendo vivido anteriormente num contexto de trabalho mais tradicional. Assim sendo, ao longo do tempo tem tentado adaptar-se a este modelo de trabalho e às suas particularidades, bem como a procurar entender a utilidade dos diversos instrumentos de regulação como o PIT e a existência de TEA ao longo da semana.

Assim, a partir da análise das grelhas de observação sistemática foi possível perceber que, inicialmente, na primeira semana de observação, não fazia uma utilização correta do Plano Individual de Trabalho, pois marcava tarefas no início de cada TEA e não no início da semana, tal como os restantes colegas, não fazendo por isso uma planificação semanal do trabalho (ver anexo XIII). Para além disso, o número de tarefas que realizava era muito baixo para uma semana inteira de trabalho, não cumprindo assim as fases que Pinto e Gomes (2013) estabelecem: planeamento e antecipação de uma tarefa, fase de execução e fase de autorreflexão e correção. No que diz respeito à avaliação, a aluna não mobilizava critérios para a avaliação do seu PIT, não percebendo de que forma poderia fazer a sua autoavaliação. Concluindo, a partir da recolha destes dados iniciais no âmbito da presente investigação, foi possível compreender que a aluna era muito pouco autónoma no seu processo de aprendizagem não tendo consciência das suas dificuldades e em como poderia colmatá-las.

Perante esta situação, foi necessário intervir para que a criança em questão conseguisse melhorar os seus níveis de autonomia, pois como Dickison (1995, citado por Paiva, 2006) defende, ser autónomo é ter a capacidade para aprender de forma independente, identificando objetivos e formulando-os para que se adequem às necessidades e interesses, utilizando estratégias de aprendizagem para tal, o que não se verificava com a criança 3.

Foi nesta altura que senti necessidade de relembrar em grande grupo os critérios para realizar um “bom PIT” e, conseqüentemente, para trabalhar bem no TEA. Acabámos por estabelecer novos critérios que depois foram expostos na sala para que todos pudessem ver, incluindo a criança 3 (Figura 4). Neste momento de reflexão, tentei dar voz à criança 3 também para que esta pudesse pensar no que seria um bom e proveitoso TEA, que estaria diretamente relacionado com o planeamento do PIT, de modo a que ela pudesse desenvolver as suas conceções acerca do PIT e do TEA.

Posteriormente, no preenchimento seguinte do PIT da aluna: “sentei-me ao pé dela para lhe dar sugestões e levantar questões que a colocassem a pensar sobre como preencher o PIT de acordo com as suas necessidades e interesses também”, para isso estabelecemos um diálogo (Diário de bordo, dia 1 de maio). Nessa semana, apoiei a aluna e dei-lhe algumas sugestões para que ela compreendesse o que tinha de fazer no início de cada TEA “então tens de abrir o caderno para veres o que tens marcado no PIT e o que te falta fazer e o tempo que ainda tens para fazer” (Diário de bordo, dia 1 de maio).

Com esta intervenção, foi possível verificar, na segunda semana de observação, (ver anexo XIII) uma evolução visível na criança 3, que planeou tarefas mais diversificadas e em quantidade considerada muito satisfatória. Quando realizei a entrevista à criança nesta semana a sua conceção acerca do PIT tinha evoluído, explicando que para si “é um instrumento em que podemos marcar atividades para fazer no TEA e serve para nos podermos organizar melhor, escolher os trabalhos que temos que fazer e ser autónomos na organização” (excerto da entrevista à criança 3, anexo V), pois “podemos escolher os trabalhos que nós queremos fazer e temos o compromisso de cumpri-los depois” (excerto da entrevista à criança 3, anexo V).

Desta forma, o registo era feito pela criança colocando uma cruz à frente da tarefa que pretendia realizar, planificando para a semana toda como os restantes colegas e, à medida que as ia cumprindo, ia pintando de verde, abrindo o seu caderno em cada TEA para saber o que deveria fazer. Como Santana (1999) afirma, o Plano Individual de Trabalho é fundamental, pois é um guia do trabalho desenvolvido ao longo da semana,

em que cada criança pode planificar e cumprir esse plano estabelecido baseando-se nas suas necessidades e interesses. Este tipo de registo que a criança preenche está relacionado com o desenvolvimento da competência da autonomia na aprendizagem, pois esta desenvolve estratégias para aprender (Mogilka, 1999). Ao ir marcando as tarefas que ia fazendo, a criança 3 estava a cumprir a etapa de concretização apresentada por Pinto e Gomes (2013), uma vez que tomava consciência acerca dos trabalhos concluídos e de quais lhe faltavam fazer, gerindo para tal o seu tempo.

O planeamento do PIT da criança 3, na segunda semana de observação, foi feito em função do comentário da professora: “esta semana trabalhaste pouco e as tarefas não foram variadas nos diversos domínios. Tiveste também um pouco desatenta o que não ajudou”, que a orientou, como se comprova na entrevista que lhe foi feita: “das coisas que eu tenho mais dificuldade e no que preciso de estudar e marco, faço isso para português, matemática e estudo do meio e em todas as áreas. Também marco fichas de verificação ao longo do tempo e no final faço alguma coisa que gosto, como uma produção artística ou um PowerPoint” (excerto da entrevista à criança 3, anexo V). Neste sentido, Niza (2009) explica que todas as orientações escritas dadas às crianças são fundamentais para direcionar e autorregular o trabalho da criança em Tempo de Estudo Autónomo e ajudá-la nesse processo para que a mesma tome consciência do que pode melhorar e como. Compreende-se então que a criança se conseguiu responsabilizar sobre o seu processo de aprendizagem e está a trabalhar para se conseguir autorregular através dos apoios, parcerias, interações e comunicação com a professora e os colegas (Folque, 2018).

Para a criança 3, o TEA “serve para nós quando estamos com dificuldades podemos treinar essas dificuldades sozinhos com fichas, parcerias ou apoios contigo e com a professora para tirar algumas dúvidas nas matérias ou conteúdos. (...) podemos também fazer várias verificações e ajuda-nos a ser mais autónomos, a poder escolher o que fazer, a ser mais responsáveis” (excerto da entrevista à criança 3, anexo V). Realmente, de acordo com Pinto e Gomes (2013), o Tempo de Estudo Autónomo é um momento da agenda semanal onde cada aluno pode trabalhar de acordo com as suas particularidades, dificuldades, gostos e interesses para a evoluir nas suas potencialidades.

Relativamente aos apoios e às parcerias nos momentos de TEA observados na terceira semana de observação, como é possível verificar nas grelhas (ver anexo XIV), a criança solicitou um apoio com o adulto e parcerias com colegas que a completavam a nível dos conhecimentos e dos conteúdos programáticos, recorrendo a estratégias diferentes para colmatar as suas dificuldades. Desta forma, a aluna procurou o auxílio

necessário para avançar no seu processo de aprendizagem, mostrando-se mais resiliente e autónoma (Folque, 2018).

Quanto à avaliação que a criança 3 realizou do seu PIT, esta mobilizou os critérios que estabelecemos em conjunto, demonstrando tomar consciência da sua evolução e referindo que cumpriu o seu Plano Individual de Trabalho e o compromisso que assumiu tendo trabalhado bem (ver anexo XVII) e evoluído entre a primeira e a segunda observação. No entanto a etapa de autorreflexão tem de ser mais desenvolvida, pois às vezes é pouco elucidativa e detalhada. Para tal, é necessário dar tempo à criança para que esta se vá apropriando da funcionalidade destes instrumentos, fazendo uma avaliação completa. O professor terá também um papel preponderante neste processo, isto porque de acordo com Folque (2018) a metacognição ajuda as crianças a aprender e permite-lhes tomar consciência do seu processo de aprendizagem, responsabilizando-as por ele e fomentando a autonomia na aprendizagem. A reflexão assume então um papel importante para que a criança consiga perceber como trabalhou, o que pode melhorar, entre outros aspetos que integram a avaliação do PIT.

Por fim, é de salientar ainda que a criança 3 teve em conta os comentários da professora, para melhorar o seu PIT e o seu trabalho no Tempo de Estudo Autónomo, verificando-se o papel preponderante dos pares e do adulto para desenvolver o pensamento metacognitivo, através da cooperação, da interação e da comunicação (Folque, 2018). A criança refere ainda que consegue perceber se já tem um determinado conteúdo do currículo adquirido: quando “estou focada, quando estou a prestar atenção, quando eu estou a estudar e eu meto coisas certas nas fichas e vão ficando cada vez mais certas, quando me fazem perguntas e eu sei, não tenho de pensar muito, então aí eu sei que já sei aquela coisa do currículo” (excerto da entrevista à criança 3, anexo V).

4.4. O papel do PIT e do TEA na promoção da autonomia na aprendizagem

Tendo em conta as questões de investigação, torna-se imprescindível fazer uma análise da forma como o PIT e o TEA contribuem para o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem das crianças.

De uma forma global, na entrevista realizada à professora cooperante, esta caracterizou o seu grupo de alunos como bastante autónomos, ou seja, as crianças conseguem regular o seu trabalho de forma autónoma sem a constante intervenção do adulto, porque já compreendem o modelo de trabalho e a funcionalidade de cada instrumento utilizado. Existem algumas exceções, nomeadamente, três crianças que

entraram recentemente e que por isso ainda se estão a apropriar do modelo pedagógico e de tudo o que lhe é inerente, que é o caso da criança 3.

Após a recolha de todos os dados, podemos dizer que uma criança é autónoma no planeamento do PIT, conseguindo fazer uma boa utilização dos momentos de TEA quando se foca em realizar tarefas que trabalham as suas dificuldades, tendo um domínio crescente no seu processo de aprendizagem, autorregulando-se sem o apoio constante do professor e cumprindo os seus objetivos (Mogilka, 1999). No que diz respeito aos apoios com o professor e às parcerias com os colegas, uma criança autorregulada na aprendizagem é aquela que recorre a apoios com a professora apenas quando é necessário e estabelece parcerias com os colegas que a completam a nível da aprendizagem e do domínio dos conteúdos, encontrando diferentes estratégias para ultrapassar as suas dúvidas.

Relativamente ao planeamento do Plano Individual de Trabalho, verificou-se que os comentários da docente têm um papel muito importante na organização que as três crianças fazem do seu trabalho, fazendo o planeamento em função desses comentários. Nas entrevistas realizadas às crianças, todas elas, numa última observação, partilharam que devem planificar de acordo com as suas dificuldades nos conteúdos, consciencializando-se das mesmas, realizando tarefas que os levem a progredir na aprendizagem consolidando-a nas diversas áreas disciplinares desenvolvendo, desta forma, autonomia na autorregulação. Todas as crianças, tal como a professora cooperante afirmam que o PIT é um instrumento de regulação da aprendizagem que ajuda os alunos a tomarem decisões, responsabilizando-se por elas e a estabelecerem compromissos para ultrapassarem as suas dificuldades. Estas posições foram também verificadas na observação realizada, pois constatou-se que as crianças consultam o Plano Individual de Trabalho para guiarem o seu trabalho no TEA, compreendo o que já cumpriram e o que lhes falta cumprir.

No que diz respeito à autonomia, tendo em conta os aspetos referidos, é possível compreender que as três crianças, no final da investigação e da intervenção mais especificamente junto da criança 3, utilizam diversas estratégias para conseguirem gerir e regular o seu trabalho, tal como Mogilka (1999) defende, para que não seja necessária a intervenção e mediação constante do adulto. Segundo a professora cooperante, uma criança autónoma do ponto de vista das aprendizagens é quando: “uma criança consegue ser consciente daquilo que em que tem mais potencial, por exemplo, e também o contrário que é daquilo em que tem maior fragilidade e, por conseguinte, precisa de também treinar

mais ou aperfeiçoar mais e que vai buscar ou busca ferramentas com o intuito de alcançar esse objetivo” (excerto da entrevista à professora cooperante, anexo VI). Perante esta perspectiva, foi possível concluir a partir da observação realizada que todas as crianças em análise a certa altura compreendiam a função dos instrumentos e dominavam o seu preenchimento (planeamento e avaliação), estando ao mesmo tempo conscientes do que precisavam de trabalhar, munindo-se das ferramentas necessárias para alcançarem os seus objetivos.

O Tempo de Estudo Autónomo, é de acordo com a professora cooperante, o “tempo da diferenciação pedagógica” e um dos mais importantes juntamente com o PIT para promover a autonomia dos alunos na aprendizagem (excerto da entrevista à professora cooperante, anexo VI). Esta conceção é coincidente com as respostas dadas pelas crianças nas entrevistas, já que as três referiram que o TEA é um momento da agenda semanal em que lhes permite trabalhar sobre conteúdos que tenham mais dificuldade, consolidar outros ou até aprender novos. Para estas crianças, o Tempo de Estudo Autónomo é um momento em que podem realizar trabalhos sozinhos e “que serve para sermos mais autónomos e trabalharmos as dificuldades que temos” tomando consciência das mesmas e atuando para as colmatar (excerto da entrevista à criança 1, anexo III), possibilitando-lhes ainda o treino, o estudo e a realização de fichas de verificação relativamente à aprendizagem dos diversos descritores do currículo.

Neste sentido, o TEA permite que a docente tenha tempo para apoiar cada criança de forma individual nas suas necessidades, mas também a entreaajuda das crianças através da formação de parcerias.

Na entrevista, a professora cooperante referia que “toda a rotina da sala” é promotora da autonomia das crianças, desde a gestão do conselho de turma, o balanço do dia, a apresentação de produções no período da manhã, a realização dos projetos, entre outros momentos da agenda (excerto da entrevista à professora cooperante, anexo VI). Para tal, também existem instrumentos que foram sofrendo alterações ao longo do tempo, segundo a professora cooperante na entrevista realizada, para que conferisse cada vez mais autonomia às crianças e para que respondessem às suas necessidades. Deu o exemplo do PIT que já sofreu algumas modificações, registando “os momentos da rotina incluídos por exemplo, que eram sempre muito agitados então em grupo decidimos avaliá-los no PIT. Quando considerámos que já não era preciso, retirámos (...) não é estanque” (excerto da entrevista à professora cooperante, anexo VI).

De acordo com Folque (2018), pensar reflexivamente e desenvolver o pensamento metacognitivo ajuda os alunos a perceber como aprender e como autorregular as suas aprendizagens e, por isso, a metacognição é basilar na tomada de consciência do aluno, para que este se possa responsabilizar pelo seu processo de aprendizagem, fomentando a sua autonomia na aprendizagem.

A autorregulação da criança é um dos fatores que evidencia a sua autonomia e, por isso, podemos afirmar que o TEA e o recurso a instrumentos como o PIT, constituem-se como dispositivos que permitem a regulação das crianças e das quais as mesmas se vão apropriando. A avaliação surge então como fator de regulação porque orienta e ajuda a criança a tomar consciência do seu processo de aprendizagem, a criar compromissos de trabalho e a encontrar estratégias para colmatar as suas necessidades. Neste caso, a autoavaliação do Plano Individual de Trabalho promove a reflexão dos alunos sobre o seu trabalho durante os momentos de Tempo de Estudo Autónomo tendo por base critérios construídos de forma conjunta. Este instrumento leva os alunos a pensarem sobre que atividades realizaram e a diversidade das mesmas, o que aprenderam e o que podem melhorar, gerindo o trabalho ao longo da semana para tal (Pereira, 2019).

A avaliação assume então um papel importante na regulação do trabalho dos alunos, para que estes tomem consciência de si próprios e do seu percurso de aprendizagem, pois neste contexto a avaliação é vista como formadora em que se “aprende a aprender” tendo em consideração os comentários da professora e dos pares (Mendes, 2005, p.12).

Neste sentido, importa salientar o papel fundamental e mediador que o adulto assume na autorregulação das aprendizagens da criança, pois a partir dos comentários do professor (que valorizam o trabalho e que avaliam o processo) a criança consegue apropriar-se da forma como pode melhorar o seu trabalho, aperfeiçoando o mesmo no decorrer do TEA e no planeamento do seu PIT desenvolvendo uma atitude mais ponderada, pois sente que os seus esforços são valorizados o que foi possível observar e comprovar na evolução da criança 3. Para além disso, os comentários que a docente faz nos diferentes Planos Individuais de Trabalho influenciam a criança, pois são um modelo para esta desenvolver também os seus comentários no momento de realizarem a sua autoavaliação, passando a ser mais focados na qualidade e no tipo de trabalho realizado, sendo mais rigorosos e pertinentes tal como se verificou nas três crianças durante o período de observação (Duarte, 2012). A planificação começa a relacionar-se com as

críticas ou sugestões da professora, como se verificou em todas as crianças, e mais concretamente na evolução visível da criança 3.

De acordo com Veiga Simão (2008 citado por Duarte, 2012) a autorregulação permite ao aluno tomar o domínio e a responsabilidade sobre as suas aprendizagens e o professor com as sugestões e orientações apoia-o a tomar decisões cada vez mais conscientes e ponderadas. A professora deve então direcionar o trabalho dos alunos através dos seus comentários no PIT e assim fomentar a autonomia na aprendizagem e a autorregulação do aluno (Duarte, 2012) através da utilização deste instrumento de regulação e dos momentos de TEA estabelecidos na agenda semanal.

Para além do papel importante que o professor tem na autorregulação das aprendizagens da criança, o grupo tem também uma função orientadora e reguladora nos comentários que faz para ajudar a criança a evoluir no seu processo de aprendizagem, concedendo-lhe cada vez mais autonomia. Neste contexto não foi possível observar esse momento de regulação com o grupo, pois não foi realizado em nenhuma das semanas de observação, não tendo, por essa razão, dados a registar. No entanto, segundo Duarte (2012) no conselho de turma é feita a avaliação do trabalho, em que cada aluno fala sobre as tarefas que realizou, ouvindo comentários dos colegas e da professora, acabando por influenciar positivamente o aluno. No decorrer deste momento, o presidente preenche o registo de avaliação dos Planos Individuais de Trabalho (Duarte, 2012).

Capítulo V – Considerações finais

Todo o trabalho desenvolvido no presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada, centrou-se na promoção da autonomia na aprendizagem dos alunos através dos Momentos de Tempo de Estudo Autónomo, estabelecidos na agenda semanal e da utilização do Plano Individual de Trabalho, num contexto privado de uma turma do 4.º ano de escolaridade, cuja professora titular bem como a instituição seguem o Modelo do Movimento da Escola Moderna.

Com a realização de uma investigação qualitativa, que se alicerçou na observação de três crianças em particular, num dado período de tempo, com o olhar focado nas suas conceções do PIT e dos momentos de TEA, procurámos compreender de que forma este instrumento de pilotagem e o momento da agenda semanal são promotores da autonomia na aprendizagem das crianças. Neste contexto surgiram então duas questões de investigação que permitiram o desenvolvimento deste estudo: a) “Qual o papel do Plano Individual de Trabalho (PIT) na promoção da autonomia dos alunos no seu processo de

aprendizagem?"; b) "Qual o papel do Tempo de Estudo Autônomo (TEA) na promoção da autonomia dos alunos no seu processo de aprendizagem?".

A análise reflexiva elaborada permitiu compreender mais concretamente a forma como os alunos planeiam o seu Tempo de Estudo Autônomo, que acontece em vários momentos da rotina semanal, a partir do preenchimento e da gestão do seu Plano Individual de Trabalho. Foi possível verificar não só que os alunos para cumprirem o seu PIT desenvolvem diversas estratégias, mas também que os comentários da professora são pertinentes e importantes para autorregular os alunos através de sugestões de melhoria para que consigam fazer uma gestão progressivamente mais adequada do seu trabalho e da sua planificação.

O reconhecimento das necessidades de apoios e a solicitação de parcerias surgem também como fundamentais para promover e desenvolver a autonomia dos alunos. As crianças reconheceram a necessidade de trabalhar de forma acompanhada, com apoios, para poderem evoluir nos conteúdos programáticos em que sentiam maior fragilidade, destacando, desta forma, o papel basilar da mediação e apoio do adulto. Todas as crianças em geral valorizam as parcerias como uma forma de se poderem completar com um colega que detenha mais conhecimento e assim avançar nas aprendizagens com a sua ajuda.

A avaliação é também um fator estruturante para promover a autonomia das crianças, pois os comentários da professora conseguem guiar os alunos no que podem melhorar e de que forma podem melhorar incentivando a capacidade de reflexão da criança, que já passa por esse processo quando realiza a autoavaliação do seu PIT, semanalmente, consciencializando-se do trabalho desenvolvido ao longo de cada semana e, desta forma, evoluindo. Este processo foi muito evidente na observação realizada à criança 3, que mostrou evoluir ao longo do tempo. Quando os alunos tomam consciência do seu trabalho e se responsabilizam por ele, não dependendo constantemente de outros para o guiarem, tornam-se mais autónomos na aprendizagem, autorregulando-se.

Retomando o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, o domínio do Desenvolvimento Pessoal e Autonomia relaciona-se com a confiança que as crianças têm em si próprias, com a motivação para aprender, com a capacidade de autorregulação, com a tomada de decisões sustentadas bem como com a integração do pensamento para serem autónomos (Martins et al., 2017). Perante o contexto da Prática de Ensino Supervisionada, os fatores mobilizados na análise reflexiva e toda a fundamentação

teórica, é possível compreender o papel preponderante que o Plano Individual de Trabalho tem na gestão do Tempo de Estudo Autónomo de cada criança e no desenvolvimento da sua autonomia, uma vez que estes dispositivos regulam a aprendizagem dos alunos quando estes tomam consciência das suas dificuldades e adotam diferentes estratégias para as ultrapassar, promovendo o desenvolvimento da autorregulação e da autonomia na aprendizagem.

Com o presente relatório foi possível compreender melhor a importância da aquisição, por parte das crianças, de diversas competências que promovem o desenvolvimento humano ao mesmo tempo que se apropriam do currículo. A autonomia é uma dessas competências e a sua promoção, de forma integrada, evidenciou-se fundamental na aprendizagem dos alunos, sustentada por instrumentos reguladores e por dispositivos didáticos que a fazem evoluir. Martins et al. (2017) explicita que a educação é a base que prepara os indivíduos para o futuro, para que à saída da escolaridade obrigatória sejam responsáveis, conscientes e autónomos sobre si e sobre aqueles que os rodeiam. Por essa razão, a importância do desenvolvimento da autonomia supõe uma tomada de consciência pelos profissionais de educação, do seu papel e implica uma reflexão sobre as práticas pedagógicas a adotar que propiciem esta competência, nomeadamente com a adoção de dispositivos e instrumentos, como o PIT e o TEA.

Concluindo, este relatório foi muito importante para conseguir perceber melhor o papel da autonomia no desenvolvimento dos alunos e para a sua aprendizagem, constatando que no contexto observado está presente em todas as situações da sua rotina diária e semanal, passando pela planificação, concretização e avaliação do trabalho. Como Mogilka (1999) afirma, um ser autónomo é capaz de se regular a si próprio sem a intervenção permanente de outros, no entanto é importante sublinhar que autonomia não significa independência, e que o seu desenvolvimento implica um processo de aprendizagem que se fomenta diariamente em contextos sociais, sendo esse o papel do professor e do grupo.

Neste caminho, é essencial a utilização de instrumentos de regulação na prática pedagógica como o Plano Individual de Trabalho, assim como o estabelecimento de espaços organizados que permitam o fácil acesso a todos os recursos e momentos estabelecidos na agenda semanal, como o Tempo de Estudo Autónomo, que guiam as crianças na gestão e regulação do seu trabalho, para que possam conquistar progressivamente a sua autonomia na aprendizagem.

Uma questão que fica por compreender melhor, neste estudo, é a importância do grupo nos momentos coletivos de avaliação do Plano Individual de Trabalho e de que forma é que este influencia positivamente cada criança, no sentido de ajudar a tomar maior consciência de si, autorregulando-se no seu processo de aprendizagem tendo como base as apreciações do grupo.

Referências

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Alves, M. & Azevedo, N. (2010). Introdução: (Re)pensando a investigação em educação. In M. Alves, & N. Azevedo (Eds.), *Investigar em educação: desafios da construção de conhecimento e da formação de investigadores num campo multi-referenciado*, 1-32. Óbidos: Várzea da Rainha Impressores.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Cunha, P. (1996). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa
- Dias, C., & Morais, J. (2004). Interação em sala de aula: Observação e análise. *Revista Referência*, 11, 49-58.
- Duarte, J. (2012). A prática da avaliação formativa no desenvolvimento de uma regulação individualizada das aprendizagens. *Escola Moderna*, 5(42), 13-23.
- Folque, M.A. (2018). *O aprender a aprender no pré-escolar: O modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grave-Resendes, L., & Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Haguette, T. (1995). *Metodologias qualitativas na sociologia*. (4º ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Identificação do colégio. (2021). Identificação do Projeto Educativo da Instituição. Sítio na internet do colégio em análise.
- Liberal, J. (2010). O Plano Individual de Trabalho: Contributos para a avaliação qualitativa das aprendizagens. *Escola Moderna*, 5(37), 38-56.
- Martins, G., Gomes, C.A., Brocardo, J.M., Pedroso, J., Carrillo, J.L., Silva, L.M., Encarnação, M.M., Horta, M.J., Calçada, M.T., Nery, R.F., & Rodrigues, S.M. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência/Direção Geral de Educação.
- Mendes, L. (2005). Avaliação: um processo partilhado. *Escola Moderna*, 24(5), 5-13.

- Mogilka, M. (1999). Autonomia e formação humana em situações pedagógicas: um difícil percurso. *Educação e pesquisa*, 25, 57-68.
- Movimento da Escola Moderna. (2023). MEM- movimento da escola moderna. <http://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/> recuperado a 02 de abril de 2023.
- Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1ºCEB, *Inovação*, 11, 77-98.
- Niza, S. (2009). Um tempo para o estudo autónomo na sala de aula. *Escola Moderna*, 5(34), 3-4.
- Paiva, V. (2006). Autonomia e complexidade. *Revista Linguagem & Ensino*, 9(1), 77-127.
- Pereira, C. (2019). A entrada na profissão no contexto do Movimento da Escola Moderna. *Escola Moderna*, 7, 81-98.
- Pinto, A. P., & Gomes, M. H. (2013). *O plano individual de trabalho e o estudo autónomo: Estratégias para uma aprendizagem autorregulada*. Porto: Edições Ecopy.
- Preza, P, J. (2022). *O Plano Individual de Trabalho e o Tempo de Estudo Autónomo como promotores da autonomia dos alunos no 1.ºCiclo do Ensino Básico* [Dissertação de mestrado, Ispa – Instituto Universitário]. Repositório institucional do ISPA.
- Santana, I. (1999). O Plano Individual de Trabalho como instrumento de pilotagem das aprendizagens no 1ºCEB. *Escola Moderna*, 5(5), 15-24.
- Serralha, F. (2007). Trabalho de Estudo Autónomo. In *Socialização Democrática na Escola: O desenvolvimento sociomoral dos alunos do 1.ºCEB*. Tese de Doutoramento. Universidade Católica Portuguesa: Lisboa. 174-176.

Anexos

Anexo I – Guião de entrevista às crianças

Objetivo geral: Compreender quais as concepções dos alunos sobre o Plano Individual de Trabalho e o Tempo de Estudo Autónomo no desenvolvimento da sua própria autonomia na aprendizagem.

Blocos da entrevista	Objetivos	Questões
Grupo I – Tempo de Estudo Autónomo	<ul style="list-style-type: none">- Compreender a concepção que as crianças têm acerca do Tempo de Estudo Autónomo;- Compreender de que forma escolhem o que fazem no Tempo de Estudo Autónomo e se tem uma lógica subjacente.	<ol style="list-style-type: none">1. O que é o Tempo de Estudo Autónomo? Para que serve?2. Como é que no tempo de Estudo Autónomo consegues saber o que deves fazer?
Grupo II – Plano Individual de Trabalho	<ul style="list-style-type: none">- Compreender a concepção que as crianças têm acerca do Plano Individual de Trabalho;- Perceber se as crianças consideram que o Plano Individual de Trabalho os consegue ajudar a serem mais autónomos na aprendizagem e porquê;- Compreender os benefícios do Plano Individual de Trabalho.	<ol style="list-style-type: none">3. O que é o Plano Individual de Trabalho?4. Achas que o Plano Individual de Trabalho te consegue ajudar a ser mais autónomo? Como/Porquê?5. Achas que o Plano Individual de Trabalho te ajuda a aprender? Como/Porquê?
Grupo III- Planificação do trabalho	<ul style="list-style-type: none">- Perceber como é que as crianças elaboram o planeamento do Plano Individual de Trabalho e a lógica subjacente;	<ol style="list-style-type: none">6. Como é que fazes o planeamento do Plano Individual de Trabalho?7. Como sabes o que deves colocar no Plano

	-Entender se cumprem sempre o Plano Individual de trabalho ou não e por que razões isso acontece.	Individual de Trabalho? 8. Cumpres sempre o que planeias? Porquê?
Grupo IV – Avaliação do trabalho:	- Compreender como é que as crianças fazem a correção do que fazem no Tempo de Estudo Autónomo e de que forma fazem a regulação da sua aprendizagem; - Perceber se o Tempo de Estudo Autónomo ajuda as crianças a terem autoconhecimento do que já sabem a nível de conteúdos e do que ainda têm fragilidades.	9. Como corriges o que fazes no Tempo de Estudo Autónomo? 10. Como é que consegues perceber se já sabes as coisas do currículo?

Anexo II – Guião de entrevista à professora cooperante

Objetivo geral: Compreender de que forma a promoção da autonomia na aprendizagem está presente na prática educativa da docente entrevistada e qual a sua conceção acerca do tema.

Blocos da entrevista	Objetivos	Questões
Grupo I – Caracterização da entrevistada	- Recolher dados profissionais.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Há quantos anos exerce a sua profissão de professora do 1.ºCEB? 2. Há quanto tempo trabalha nesta instituição? 3. Há quanto tempo é professora titular deste grupo e o acompanha?
Grupo II – Perspetivas da professora cooperante acerca da autonomia da turma:	<p>- Compreender a conceção da docente acerca da importância da autonomia na aprendizagem;</p> <p>-Compreender a conceção da professora acerca do que é uma criança autónoma do ponto de vista das aprendizagens;</p> <p>- Entender o grau de autonomia da turma, na aprendizagem e a evolução da mesma ao longo do 1.ºCEB;</p> <p>- Perceber a importância do PIT e do T.E.A para a promoção da autonomia na aprendizagem das crianças;</p>	<ol style="list-style-type: none"> 4. Em que medida considera que a autonomia é importante para a aprendizagem das crianças? 5. O que considera uma criança autónoma do ponto de vista das aprendizagens? 6. Como caracteriza este grupo de alunos em relação à autonomia? 7. Como considera ter sido a evolução da turma ao longo do 1.ºCiclo em termos de autonomia na aprendizagem?

	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender que outros instrumentos tem presentes na sua prática que possam fomentar a autonomia dos alunos; - Entender a evolução dos instrumentos presentes na sala e se os mesmos são adaptados às necessidades dos alunos. 	<p>8. Em que medida o TEA e o PIT são promotores da autonomia das crianças na aprendizagem?</p> <p>9. Que outros instrumentos considera importantes na promoção desta autonomia?</p> <p>10. Os instrumentos que utiliza sofreram alterações ao longo do tempo? Em função de quê?</p>
<p>Grupo III – Encerramento da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Finalizar a entrevista. 	<p>11. Estamos a chegar ao fim da nossa entrevista. Gostaria de lhe perguntar se quer acrescentar algo mais?</p> <p>12. Quero expressar o meu agradecimento pela disponibilidade demonstrada, assim como pela informação fornecida.</p>

Legenda:

E – Estagiária

C1 – Criança 1

E: A entrevista que te quero fazer é sobre o Plano Individual de Trabalho e sobre o Tempo de Estudo Autónomo. Por isso, vou fazer-te algumas perguntas, pode ser?

C1: Sim!

E: O que é o Tempo de Estudo Autónomo? Para que serve?

C1: Eu acho que é um tempo que nós usamos para fazer trabalhos sozinhos em vez de ser como costumamos fazer todos juntos. Eu acho que o Tempo de Estudo Autónomo serve para sermos mais autónomos e para trabalharmos as dificuldades que temos.

E: Como é que no tempo de Estudo Autónomo consegues saber o que deves fazer?

C1: Eu normalmente marco quatro trabalhos eu marco uma coisa que eu gosto mais de fazer como um PowerPoint para depois apresentar ou uma educação artística e depois marco 3 coisas que eu sei que preciso de fazer.

E: O que é o Plano Individual de Trabalho?

C1: É um instrumento que eu uso para marcar as atividades que vou fazer ao longo da semana.

E: E achas que o Plano Individual de Trabalho te consegue ajudar a ser mais autónomo? Como/Porquê?

C1: Sim, o PIT ajuda-nos a ser mais autónomos porque nos ajuda a tomar decisões para sabermos o que é que marcamos e as atividades que podemos escolher.

E: E achas que o Plano Individual de Trabalho te ajuda a aprender? Como/Porquê?

C1: Sim, eu acho que o plano individual trabalho ajuda-me porque eu assim já tenho objetivos do que fazer ao longo da semana e a trabalhar alguns conteúdos que eu saiba menos ou tenha mais dificuldades para depois saber mesmo.

E: E como é que fazes o planeamento do Plano Individual de Trabalho?

C1: Eu primeiro penso em atividades que me possam ajudar a melhorar, em coisas que tenho mais dificuldades e depois penso numa coisa que gosto de fazer e marco.

E: Como sabes o que deves colocar no Plano Individual de Trabalho?

C1: Isso vai depender de semana para semana, pois em cada semana falamos de coisas diferentes e por isso vai depender das minhas dificuldades e daquilo que tenho de fazer ou de treinar de conteúdos que ficaram mais para trás e que eu ainda não sei.

E: Cumpres sempre o que planeias? Porquê?

C1: Normalmente sim cumpro sempre, só às vezes é que não cumpro por algumas exceções ou coisas que se passam que não são normais.

E: Como corriges o que fazes no Tempo de Estudo Autónomo?

C1: Ou marco um apoio com a professora ou agora contigo ou então a nossa professora quando leva os cadernos de TEA para casa vê o que fiz e se vir que existem coisas que não estão bem, marca um apoio comigo e falamos sobre isso para eu perceber e melhorar.

E: Como é que consegues perceber se já sabes as coisas do currículo?

C1: (Silêncio) Eu consigo perceber porque no Tempo de Estudo Autónomo eu trabalho mais, faço mais exercícios e quando percebo que já são fáceis é porque já sei e porque consegui perceber.

E: Obrigada!

Legenda:

E – Estagiária

C2 – Criança 2

E: A entrevista que te quero fazer é sobre o Plano Individual de Trabalho e sobre o Tempo de Estudo Autónomo. Por isso, vou fazer-te algumas perguntas, pode ser?

C2: Sim, está bem!

E: O que é o Tempo de Estudo Autónomo? Para que serve?

C2: Eu acho que é um tempo que podemos aprender coisas, estudar e rever coisas para tirar algumas dúvidas e fazer fichas. É um tempo que tens de ser autónomo e gerir o teu trabalho.

E: E como é que no tempo de Estudo Autónomo consegues saber o que deves fazer?

C2: Porque vai depender das dificuldades que eu tenho e dos conteúdos que estamos a trabalhar. É a partir daí que eu sei o que devo fazer, ou seja, quais são as atividades e marcar no PIT.

E: Então e o que é o Plano Individual de Trabalho?

C2: É um instrumento para marcarmos as atividades que vamos fazer e sermos autónomos e pronto.

E: E achas que o Plano Individual de Trabalho te consegue ajudar a ser mais autónomo? Como/Porquê?

C2: Sim, acho que sim porque eu marco os meus trabalhos sozinha e depois faço-os sozinha ou com parcerias ou peço apoios, mas eu é que percebo isso e depois tento arranjar estratégias para ir melhorando. Só às vezes é que converso um bocadinho, mas depois escrevo isso no PIT para melhorar na semana seguinte.

E: E achas que o Plano Individual de Trabalho te ajuda a aprender? Como/Porquê?

C2: Sim acho, porque acho tu marcas as coisas, trabalhas nas dificuldades e aprendes com as fichas que fazes e com as coisas que marcas. Podes também aprender com outros colegas ou então com a tua ajuda ou com a da nossa professora.

E: E como é que fazes o planeamento do Plano Individual de Trabalho?

C2: Então, primeiro eu vejo que é que eu não fiz na semana passada para marcar outra vez nesta semana que eu não fiz ou que deixei trabalhos incompletos. Depois, eu marco algumas coisas que eu preciso de ver, rever ou estudar.

E: E como sabes o que deves colocar no Plano Individual de Trabalho?

C2: Depende muito de cada semana, marco atividades que vão trabalhar o que tenho dificuldades de conteúdos que estão mais para trás ou de conteúdos mais atuais e vou estudando e fazendo verificações.

E: Cumpres sempre o que planeias? Porquê?

C2: Normalmente cumpro sempre o plano, porque já sei mais ou menos quantas tarefas dá para o Tempo de Estudo Autónomo que temos e vejo as que demoram mais e assim. A semana passada só não consegui cumprir porque estive doente e por isso não estive cá, porque normalmente cumpro sim.

E: E como corriges o que fazes no Tempo de Estudo Autónomo?

C2: Então, ou eu vejo as sugestões corretivas de alguns ficheiros, ou marco um apoio com a professora ou agora contigo Carolina. Para além disso, a nossa professora quando leva os cadernos de TEA para casa vê o que fiz ao longo da semana e corrige e se vir que existem coisas que não estão bem, marca um apoio comigo e falamos sobre esse conteúdo para eu perceber e conseguir melhorar.

E: Como é que consegues perceber se já sabes as coisas do currículo?

C2: Eu primeiro vejo o que é que trabalhámos, escrevo no que é que eu tenho dificuldade sobre o conteúdo e depois revejo fazendo tipo algumas fichas ou lendo coisas dos livros e depois peço para me fazerem perguntas. Por exemplo, quando eu estudo e a Carolina faz-me algumas perguntas e eu respondo e depois quando eu souber responder mesmo a tudo é que eu tenho a certeza que sei.

E: Obrigada!

Anexo V – Transcrição da entrevista à criança 3

Legenda:

E – Estagiária

C3 – Criança 3

E: A entrevista que te quero fazer é sobre o Plano Individual de Trabalho e sobre o Tempo de Estudo Autónomo. Por isso, vou fazer-te algumas perguntas, pode ser?

C3: Ok!

E: O que é o Tempo de Estudo Autónomo? Para que serve?

C3: O Tempo de estudo autónomo serve para nós quando estamos com dificuldades podemos treinar essas dificuldades sozinhos com fichas, parcerias ou apoios contigo e com a professora para tirar algumas dúvidas nas matérias ou conteúdos. Para além disso, podemos também fazer várias verificações e ajuda-nos a ser mais autónomos, a poder escolher o que fazer, a ser mais responsáveis e ajuda-nos no geral.

E: E como é que no Tempo de Estudo Autónomo consegues saber o que deves fazer?

C3: Ah, porque eu marco o que tenho de fazer no Tempo de Estudo Autónomo logo no PIT às segundas e abro o caderno nesses momentos para ver o que tenho de fazer e o que já fiz, ou seja, marco para trabalhar as dificuldades que tenho, estudando mais sobre elas.

E: O que é o Plano Individual de Trabalho?

C3: O Plano Individual de Trabalho é um instrumento em que podemos marcar atividades para fazer no TEA e serve para nos podermos organizar melhor, escolher os trabalhos que temos que fazer para nos podermos realmente organizar melhor e ser autónomos na organização.

E: E achas que o Plano Individual de Trabalho te consegue ajudar a ser mais autónomo? Como/Porquê?

C3: Sim, porque ajuda porque estás concentrado a fazer o teu trabalho e porque podemos escolher os trabalhos que nós queremos fazer e temos o compromisso de cumpri-los depois, por isso acho que foi uma boa iniciativa criar o PIT.

E: E achas que o Plano Individual de Trabalho te ajuda a aprender? Como/Porquê?

C3: Sim ajuda-me a aprender, porque eu treino os conteúdos, trabalhar as minhas dificuldades e melhorar e não estamos a distrair-nos com os colegas.

E: Então e como é que fazes o planeamento do Plano Individual de Trabalho?

C3: Eu consulto as áreas do PIT e encontro as coisas que eu tenho mais dificuldade e no que preciso de estudar e marco, faço isso para português, matemática e estudo do meio e em todas as áreas. Também marco fichas de verificação ao longo do tempo e no final faço alguma coisa que gosto, como uma produção artística ou um PowerPoint. Faço o plano à segunda-feira e depois à quinta avaliamos.

E: E como sabes o que deves colocar no Plano Individual de Trabalho?

C3: A partir das minhas dificuldades nas coisas que damos durante a semana ou em semanas anteriores. Às vezes também interligo com coisas que gosto de fazer como produções artísticas ou PowerPoints.

E: E cumpres sempre o que planeias? Porquê?

C3: Antigamente, faltava-me sempre alguma coisa porque conversava um pouco e não sabia muito bem o que marcar. Depois de falarmos sobre os critérios para um bom TEA e ajudares-me na marcação do PIT ao início, agora já percebi como é que posso marcar e o que devo pensar para marcar, então agora já consigo cumprir o que marco porque penso no tempo que tenho e divido as tarefas por ele.

E: Então e como corriges o que fazes no Tempo de Estudo Autónomo?

C3: Existem várias possibilidades, posso ver as soluções que estão atrás de alguns ficheiros e por isso vejo no final, posso marcar um apoio contigo para me ajudares a ver o que está bem e o que tenho de melhorar e voltar a pensar ou então quando a nossa professora quando leva os cadernos de TEA para casa vê o que fiz ao longo da semana de exercícios e corrige e se vir que existem coisas que não estão bem, marca um apoio comigo.

E: Como é que consegues perceber se já sabes as coisas do currículo?

C3: Eu percebo o conteúdo quando eu estou focada, quando estou a prestar atenção, quando eu estou a estudar e eu meto coisas certas nas fichas e vão ficando cada vez mais certas, quando me fazem perguntas e eu sei, não tenho de pensar muito, então aí eu sei que já sei aquela coisa do currículo.

E: Obrigada!

Anexo VI – Transcrição da entrevista à professora cooperante

Legenda:

E – Estagiária

PC – Professora Cooperante

E: Há quantos anos exerce a sua profissão de professora do 1.ºCEB?

PC: Sou professora há 18 anos.

E: Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

PC: Então, eu trabalho aqui desde maio de 2015, portanto vai fazer agora 9 anos.

E: Há quanto tempo é que é professora titular deste grupo e o acompanha?

PC: Portanto há quatro anos, agora é o quarto ano.

E: Em que medida é que considera que a autonomia é importante para a aprendizagem das crianças?

PC: Bom, acima de tudo a autonomia é importante para a sua aprendizagem, porque se eles não forem autónomos e autónomos vem também com o conceito de responsabilidade não é eles nunca terão a parte tão ativa como poderiam ter no seu percurso de aprendizagem, portanto a partir do momento em que eles são mais autónomos em que lhes damos mais ferramentas para que isso aconteça muito possivelmente seu sucesso escolar poderá ser maior porque eles são conscientes do que fazem, são conscientes do que é esperado deles e se tiverem totalmente dependente de um adulto esse conhecimento está no adulto e não neles. Portanto acho que a autonomia nesse sentido não é ao mesmo tempo que anda aqui quase de mão dada com a com a responsabilidade tem de facto um papel muito preponderante no seu percurso de aprendizagem.

E: O que é que considera ser uma criança autónoma do ponto de vista das aprendizagens?

PC: Ok, pronto esta interliga-se com a outra sim. De certa forma, uma criança consegue ser consciente daquilo que em que tem mais potencial, por exemplo e também o contrário que é daquilo em que tem maior fragilidade e, por conseguinte, precisa de também treinar mais ou aperfeiçoar mais e que vai buscar ou busca ferramentas com o intuito de alcançar esse objetivo. Portanto, acho que neste sentido uma criança autónoma muito isto que é

mexe-se dentro do espaço da sala de aula. Vou aqui se calhar fazer uma micro visualização, mas no sentido mais micro estrutural se calhar uma criança que se mexe bem dentro do contexto de sala, que domina os instrumentos, que domina os materiais, que consegue sim fazer parcerias e saber onde é que se posiciona dentro do seu contexto de trabalho. A um nível mais macroestrutural é uma criança que sendo consciente daquilo que tem que trabalhar munindo-se das ferramentas que permitem alcançar isso, portanto acho que é um pouco por aqui.

E: Como é que caracteriza este grupo de crianças em relação à autonomia?

PC: Eu acho que eles são extremamente autónomos desde Sei Lá elaborarem há propostas porem depois as mesmas em prática não é, parece às vezes um passo gigante, mas esta turma de facto tem esse condão de fazer parecer fácil. Muitas das vezes são eles os próprios motivadores, os veiculadores para que as coisas aconteçam não só entre eles, mas também dar-me essa motivação para fazer, porque fazem parecer muito fácil a verdade é esta. Portanto, quando se dá conta já eles fizeram, já eles iniciaram, já eles estão a montar alguma coisa, portanto do ponto de vista assim das propostas não é, isto é, muito é muito de acordo com aquilo que eles gostam de fazer. Depois podemos falar um bocadinho de autonomia em termos de tamanho de trabalho por exemplo se formos aqui aos momentos mais chave da rotina não é da sala se pensarmos por exemplo nos projetos esta lógica mantém-se, portanto eles são muito, muito, muito autónomos conseguem rapidamente perceber o que é que tem que ir buscar ou como é que podem organizar, não ficam muito dependentes do adulto para poder avançar no seu trabalho e sabem bem onde é que têm que ir buscar essa informação. No Tempo de Estudo Autónomo, também os considero autónomos neste deste ponto de vista não é que a criança tem consciência daquilo que ainda tem de melhorar, daquilo que mais gosta, mas que, no entanto, se calhar não é aquilo que precisa tanto naquela fase. Eu acho que temos aqui dentro do grupo vários pequenos grupos não é, que se acabam por a dividir e portanto posso dizer que eles são bastante autónomos, mas por exemplo do ponto de vista do no estudo autónomo por exemplo há alguns que eu acho que são muito autónomos têm essa consciência total, há outros que eu acho que não a têm por diversos fatores ou porque entraram agora ou tudo mais e há outros que vão tendo cada vez mais essa consciência ainda assim consideras um grupo altamente autónomo sim.

E: Como considera ter sido a evolução da turma ao longo do 1.ºCiclo em termos de autonomia na aprendizagem?

PC: O grupo não foi sempre o mesmo desde o início, portanto acho que isto também às vezes concorre para haver algumas alterações. Mas se eu for pensar no grupo original e no grupo que agora está mesmo com as novas aquisições não é como às vezes lhe chamo, eu tenho para mim que foi sempre uma evolução muito consistente ou seja nós podemos esperar mais ou menos não é do grupo em si e temos sempre altas expectativas sobre eles e temos que ter os pés bem assentes na Terra mas eu acho que este grupo de facto não desapontou nesse sentido portanto foi mantendo sempre aqui um percurso de evolução e não houve muitos momentos de paragens, aqueles o que eu sentisse que eles estavam ali naquela velocidade que parece que não avançavam mas também não regrediram portanto eles foram sempre fazendo o caminho como disse consistente muito coerente com aquilo que era o grupo original e acho que chegando por exemplo a um terceiro ano eu acho que foi onde houve ali uma mudança realmente muito interessante. Num terceiro ano, sem me reportar ao ano anterior houve uma altura muito foi muito óbvia essa fase eu até comentei com os meus colegas em reunião do Conselho que se notou neles uma consciência muito, muito forte, muito grande daquilo que era esperado deles, ou seja, em contexto de estudo autónomo, por exemplo. Eu disponibilizava verificações que eles tinham que ir fazendo, não é gerindo no seu PIT, mas eu a dada altura comecei a perceber por alguns inputs que se calhar fui deixando aqui com um ou com outro por apoios também vamos tendo sempre de uma forma muito sistemática comecei a ver que eles próprios antecipavam o seu estudo, ou seja foi ali foi muito claro para mim que estava a nascer uma organização e um método de estudo dentro daquele tempo letivo. Achei aquilo maravilhoso pensei claramente se não tivesse havido um caminho anterior, isto não era possível de acontecer não daquela forma tão espontânea claro que não brotou em todos ao mesmo tempo, mas efetivamente deu-se ali um grande avanço nessa altura e eu fiquei mesmo muito orgulhosa do caminho que eles tinham feito, porque comecei a vê-los a antecipar eles iam ver os registos das verificações disponíveis e lembro-me dele dizerem “Ok, agora puseste uma do sistema digestivo, mas é que eu não me recordo mesmo dos nomes de Todos os órgãos então eu vou estudar isto”. Então, era vê-los a marcar a segunda-feira antecipar este estudo eu acho isso uma coisa brutal num terceiro ano quer dizer, estamos a falar de crianças que tinham acabado de fazer 8 anos e a fazer aquilo que é suposto. De facto, eles aprenderem mais tarde e isso é que eu acho que é verdadeira autonomia deles é dar-lhes as ferramentas e eles munirem se delas para poderem avançar no seu conhecimento não é, não sou eu que quero que eles façam as verificações, são eles sabem que estão lá e tem que as fazer e a forma como eles geriram isto nessa altura foi mesmo espetacular. Era

vê-los nessa altura muito a marcar para estudar e iam aos resumos da capa dos projetos, iam ler os resumos que tínhamos feito, iam ao caderno diário, iam ao manual de estudo do meio que temos como recurso para irem relembrar conceitos que tal como alguns diziam já não se recordavam, ou mesmo os nomes dos órgãos ou no caso do sistema digestivo o próprio percurso do bolo alimentar e isso foi muito giro e depois a partir daí começaram a nascer as parcerias para estudo portanto havia uns percebiam que o colega do grupo ou do outro grupo ao lado iria também preparar-se para uma verificação que ele também não tinha feito então dizia “Ok então vamos estudar os 2” e nesses momentos também era muito interessante perceber as formas distintas que eles arranjavam para estudar o mesmo tema e algumas das vezes eram era uma parceria entre os 2 e depois pediam-me também para me juntar. E assim conseguimos explorar diferentes formas de registar muita informação, porque nestes temas de estudo assim de 3º ano havia muita informação e muito densa, então surgiram também muitos esquemas que eles já estão habituados, mas por sua iniciativa. Nesses momentos foi possível explorar esse tipo de registo e foi mesmo muito interessante. No terceiro ano, notei claramente que houve aqui uma mudança se calhar também muito em parte pela maturidade que eles vão ter não é em termos cognitivos e mesmo até desenvolvimental, mas foi mesmo muito interessante.

Num quarto ano, tivemos aqui meninos que entraram, essas novas aquisições que nós falámos e foram meninos que como como tu já sabes Carolina, não faziam parte deste modelo de trabalho, porque nunca tinham tido contato e uma das grandes vantagens de trabalharmos assim de facto é este sentido de pertença que todos conseguem acolher bem e às vezes mais dificuldade tem aqueles que vêm do que aqueles que recebem. Os que vêm parece que não sabem posicionar muito bem, até acham estranho como é que são todos tão simpáticos comigo e todos me acolhem tão bem e isso foi também fundamental para conseguir integrar bem estes meninos novos, até mesmo nas rotinas de sala não estou a falar só na parte social mas mesmo nas rotinas de sala foi mesmo extraordinário, porque eles rapidamente também puxaram esses meninos para fazer trabalhos e parcerias com eles no tempo de estudo autónomo, por exemplo e de facto a autonomia volta a surgir. Portanto se eles não se sentissem confiantes seguros o suficiente com o que estavam a fazer, se não fossem autónomos lá está, nunca conseguiram também prestar esse apoio a quem entrou de novo e esta gestão de início do ano com a entrada de novos meninos foi também um processo de integração para os meninos que já cá estavam porque entraram 3 meninos com personalidades muito distintas e que de certa parte nos momentos de

estudo autônomo poderiam e até contribuir um pouco para isso não é para haver uma pequena desestabilização da rotina de trabalho, mas acho que ainda assim também se integraram bem. Claro têm um caminho a fazer, claro que não podemos pôr nestas crianças este peso de conseguir integrar-se como os outros e cá estão há 3 anos o fizeram, mas ainda assim também estão a caminhar e fazer o seu percurso e cada vez mais autônomos a verdade é essa.

E: Em que medida o TEA e o PIT são promotores da autonomia das crianças na aprendizagem?

PC: Eu acho que o PIT contribuí muito, porque se formos aqui pensar no tempo de estudo autônomo é por si só o Tempo de excelência da diferenciação pedagógica, portanto claro que tem que ser também muito orientado, organizado ou sustentado num plano que orienta esse mesmo trabalho. Acho que é indiscutível essa é a importância do plano, mas acho que para muitos meninos é importante ter essa base, essa estrutura porque de facto se eles não planearem à segunda-feira há aqui uma série de competências que lhes vão escapando e que eles não as vivenciando também não conseguem depois desenvolvê-las. Uma delas é, como falei, a antecipação do trabalho, é muito difícil para muitas crianças e eu vi isso com estes meninos novos que entraram a dificuldade que eles tiveram na altura em perceberem como planear, a fazer um projeto a curto prazo estamos a falar de uma semana aquele tempo, aquela baliza temporal que nós costumamos usar. Para eles foi realmente difícil perceber o que é que eles tinham que fazer à segunda-feira como é que eu sei o que é que eu tenho que fazer durante a semana toda, era quase que impossível ter esta noção e lá está com muita ajuda dos colegas e também quase de eu não direi uma partilha de preenchimento do plano mas com umas luzes que alguns colegas iam dando para além das minhas obviamente mas eu acho que nestes casos colocá-los em pares grupos é muito mais frutífero do que ser eu a dizer faz isto, faz aquilo, eles foram conseguindo antecipar então logo à segunda-feira o que é que poderiam marcar claro que percebendo também em algumas semanas o que é que funcionava, o que é que não funcionava ,ou seja, perceberam mais rapidamente porque estamos a falar com meninos com outra idade aquilo que os outros já foram percebendo ao longo dos primeiros anos que é “se eu sou muito ambicioso e marco muitas atividades, mais certo se calhar é eu não conseguir fazê-las ou se marco muito poucas chego ao final da semana vejo que tenho que ir marcar mais algumas então se calhar fui também que não pensei em fazer muitas”. Estes meninos tendo em conta que já são mais velhos também perceberam isto

rapidamente já justo souberam se ajustar pela idade que têm, mas também é de facto muito importante para eles esta antecipação acima de tudo a gestão do tempo. Nós não conseguimos mesmo em contexto sala de aula ter de uma forma mais individual e respeitadora daquilo que são as necessidades de cada um, não conseguimos ter nenhum outro instrumento que permita isto que é eu vou gerir o tempo, o mesmo tempo que os outros todos têm, vão todos gerir à sua maneira não é, com objetivos diferentes sabendo que estamos a atuar naquilo que à partida eles mais necessitam de trabalhar ou claro que no caso de outros também mais gostam e este equilíbrio tem que se ir fazendo. Mas não há outro instrumento que permita este tipo de trabalho e o plano individual de trabalho realmente surge muito nesta lógica não é de diferenciar o trabalho respeitando o ritmo cada um. Dá-nos aqui realmente muitas ferramentas como falámos, como por exemplo a questão da gestão do tempo, esta questão da situação do que é que eu quero fazer do planeamento. Acima de tudo também da parte da avaliação que é difícil para eles porque quando se fala em avaliação eles também sabem muito bem. Se calhar estas crianças estão mais estão mais até por dentro do que é esse conceito, mas é difícil falar sobre aquilo que é o meu trabalho. Se eu me colocar nessa posição de auto avaliar-me é muito difícil porque temos sempre tendência a achar que ou fazemos tudo bem fazemos tudo mal, mas também temos que ensiná-los a ver as coisas boas que fazemos e às vezes a nossa auto avaliação não chega precisamos de um olhar crítico do outro por isso é que esta parte em que eles avaliam também os seus cadernos, o PIT de cada um, trocam entre eles neste caso entre parceiros com quem estiveram a trabalhar ou entre o próprio grupo eu acho que não pode ser mais enriquecedor porque eu até posso não ter essa noção porque não me auto avaliei assim mas quando leio a avaliação neste caso o meu colega até posso pensar olha realmente ele tem razão e até posso conversar com ele sobre isso e pedir que ele me explique porque é que achou aquilo se calhar vou olhar para aquilo que é o meu trabalho de uma outra forma e mesmo também acontece ao contrário: crianças que acham que fazem muita coisa e é preciso alguém dizer também “não, atenção, tu conversas-te imenso, distraíste-te, incomodas-te o resto do grupo” quando às vezes uma não consciência dessa criança e isto tem mais efeito e mais impacto do que se for o professor a dizer mas tiveste distraído, estiveste sempre incomodar. Com eles, em particular com este grupo, funciona muito bem, portanto há aqui uma série de tópicos que eu acho que o plano ajuda sim.

E: Que outros instrumentos considera importantes na promoção desta autonomia?

PC: Posso dizer a agenda toda? (Risos)

Toda a semana, eu acho que é verdade sim, agora estava aqui a ouvir-te a falar e pensar pois é os projetos, mas também o Conselho, a gerirem a apresentação de produções quer dizer eu acho que muitas das vezes eu estou cá, eu sou exatamente aquela pessoa que cá está e sou muita essa organizadora, quem gere aqui a coisa, quem organiza, quem monta a estrutura, mas desde que entramos até que por exemplo saímos claro que há momentos chave que tem que ser o adulto gerir logicamente, estamos a falar por exemplo do trabalho de texto, o início da resolução de problemas, as sistematizações por exemplo, mas a maior parte dos momentos não posso dizer que foram pensados em função disso mas estão muito assentes nessa lógica da autonomia e da responsabilidade. Portanto, todos eles de certa forma promovem e incentivam essa autonomia porque eles entram aqui, eles organizam-se, eles fazem meditação. Logo a seguir fazem a data, o plano do dia e logo a seguir eles vêm gerir a apresentação de produções e, portanto, é o momento em que eu nem sequer falo e faço comentários. Desde os projetos, ao Conselho em que temos aquelas intervenções muito de explicitação, ou seja, de colocar a pensar quando já percebemos que já não dá para avançar para grande lado e, portanto, temos que ser mesmo nós intervir, mas são eles que gerem. Mesmo os projetos, os temas de estudo não é com muito na lógica dos projetos, mas com os compromissos que são aqueles que estão no currículo e que eles sabem que são exigidos deles e de todos os meninos que estão no quarto ano. A própria gestão por exemplo da apresentação da comunicação dos raciocínios dos problemas que eles vêm e apresentam e, portanto, dão palavra aos colegas, ou seja, eles são muito autónomos. O Balanço do dia, já para não falar do tempo de estudo autónomo, há aqui vários momentos ao longo do dia por isso é que eu comecei a brincar a dizer quase que seria a agenda toda, em que de facto nós estamos cá muito para mediar o trabalho não é estes momentos as transições do momento para o outro e claro temos que ser nós a dar a linha condutora, mas não nos podemos esquecer que eles têm todas estas capacidades e a prova disso é que eles chegam a um quarto ano e organizam-se. Não quer dizer que não haja um alerta do professor logicamente não é, aquele reforço do “olha atenção temos mesmo que arrumar” porque eles são crianças e por vezes têm de ser os adultos a lembrar disso, mas de maneira geral não posso dizer que é fácil trabalhar neste modelo mas é sem dúvida muito mais enriquecedor para eles como para mim porque é um quase uma visualização imediata daquilo que é o trabalho com o mesmo grupo porque agora chegamos a um quarto ano eles não começaram a fazer isto só agora, este tipo de gestão

autónoma por parte deles mas gradualmente fui-lhes dando também essa oportunidade porque eles são capazes disso e a verdade é que eles conseguem fazê-lo lindamente. Agora estava a olhar ali para o mapa das tarefas e lembrei-me da gestão do mapa das tarefas, gerir a avaliação das tarefas, quer dizer não há uma intervenção do adulto a menos que seja lá está para marcar ali algum aspeto que eles não tenham não tenham falado ou dúvidas que eles tenham, nomeadamente a avaliação ou tudo mais, mas de facto são um grupo bastante autónomo e esta autonomia de facto é promovida aqui quase diariamente.

E: Os instrumentos que utiliza sofreram alterações ao longo do tempo? Em função de quê?

PC: Há aqui realmente registos que vêm connosco já desde o primeiro ano e que foram sofrendo adaptações por necessidade acima de tudo, por necessidade do grupo. Algumas vezes por propostas deles também, outras propostas minhas no diário e vamos assim discutindo as coisas e às vezes as mudanças acontecem de uma maneira muito simples como “eu acho que se calhar falta aqui um registo tal como tens para os projetos sobre os temas de estudo”, portanto não está escrito em lado nenhum e muitas vezes digo “então vai lá escrever para depois discutirmos sobre isso” e há outros momentos em que em que não falamos e dizemos “ok, tens razão pois é verdade”, então logo ali nasce um registo nem que seja assim mais arcaico, que é escrito à mão sem pensar muito no assunto, mas que acaba por dar resposta a uma necessidade no momento. Claro que do primeiro para o segundo ano estou aqui lembrar-me por exemplo registos como calendário, inicialmente eram maiores, eram de manipulação, eles tiravam e iam a uma caixa buscar, ou seja, tinham um calendário diferente deste que nós temos.

O próprio mapa do tempo era para eles irem colocando algumas imagens e também registavam com os desenhos deles, mas porque houve uma mudança, um crescimento gradual também da sua idade cronológica e, portanto, faz sentido deixar passar de ter folhas tão grandes para folhas A4 e vamos aqui ajustando. Isto não é nada que eles pensem, não pedem isto, mas naturalmente porque também acho que faz parte deste crescimento irmos ajustando em função disso. Há registos que vão nascendo, vão surgindo aliás a maior parte dos registos nascem por necessidade, até aqui há uns anos atrás, por exemplo, eu não tinha o registo das fichas de verificações disponíveis. Só há uns anos atrás e penso que até começou um pouco se calhar com este grupo logo no início quando começaram a fazer verificações, que eu achei que tínhamos que arrumar aqui “a casa”, mas eles também não pensaram nisto não é. Mas achei “ok, o que é que eu posso

fazer para lhes conferir justamente essa autonomia?” é uma necessidade do grupo, mas se eu também tenho uma intencionalidade educativa que é neste caso proporcionar-lhes essa autonomia então eu tenho que fazer com que a sala esteja preparada para eles se mexerem bem aqui dentro bem, no sentido de serem autónomos e não estarem sempre dependentes de mim para dizer “já fiz esta ficha, já fiz esta também”. Então eu pensei, “não”, vamos lá escrevendo as que vão ficando disponíveis vamos escrevendo e vão pintando quando terminam e assim nasceu este registo que depois acaba por ser até partilhado com o resto dos colegas e vai nascendo também nas salas com as devidas adaptações, porque faz sentido.

Por outro lado, há coisas que já tivemos e que já não fazem sentido ter e eles próprios dizem isso porque já são crescidos e não vale a pena por exemplo ter um registo que tínhamos porque eles foram mesmo dizendo não faz muito sentido porque nós já não o escrevemos tanto e se calhar podemos não ter. Acima de tudo nascem acho que por necessidade.

E: Relativamente ao PIT em si, portanto há neste momento uma estrutura, mas também já existiram outras. Por essa razão, queria perguntar-lhe como é que o PIT foi sofrendo alterações ao longo do tempo?

PC: O PIT já teve não sei quantas versões. Claro que o PIT do primeiro ano, não vou falar muito daquele coletivo com que iniciamos, mas outro a seguir quando passamos para a parte mais individual tem uma estrutura muito semelhante àquilo que é o atual, mas a forma como aquelas caixinhas lá dentro se organizam também vai sempre ao encontro das necessidades do grupo. Ainda há pouco falávamos sobre a questão dos critérios de avaliação estarem no PIT ou não e nós sempre tivemos em todos os PITS ou no final uma caixinha com critérios que tínhamos falado todos na altura em sala do que era trabalhar bem como é que podia avaliar o meu PIT, o que é que podia lá constar e apareciam coisas tão simples como “preenchi bem o plano”, se tinha deixado trabalhos incompletos, se faziam trabalho começava um trabalho novo sem ter acabado o anterior, portanto coisas que nós íamos falando e conversando que acabámos por reunir e esses mesmos critérios ficaram inseridos no PIT até bem ao final do terceiro ano.

Este ano, conversamos sobre isso e de facto alguns meninos disseram “eu acho que podemos tirar” até acho que foi a “FV” que disse “eu acho que podemos tirar esta tabela que sempre tivemos porque nós já sabemos bem o que é que isto de avaliar o PIT, o que

é trabalhar bem”. Na altura falámos em Conselho sobre isso e eu disse “ok posso tirar” e também surgiu a necessidade lá está de algo por exemplo no terceiro ano com a entrada dos temas de estudo que acaba por ser semelhante ao Tema dos projetos, mas não sendo igual é um tema que temos destinado a pesquisas sobre determinados conteúdos do plano de desenvolvimento curricular e, portanto eles disseram “ok mas podíamos avaliar esses momentos”, então colocamos uma caixinha no PIT em que tinha “TP” que era trabalho de projeto e escreviam lá a avaliação do trabalho do projeto do seu grupo para além da avaliação que faríamos e cada um escrevia lá a sua avaliação e depois tinha “TE” que era Tema de estudo, portanto relativo ao seu grupo como é que o seu grupo tinha avançado. Começámos isto no no terceiro ano, fez mais sentido e tínhamos um PIT em que tínhamos os critérios, tínhamos essa parte da avaliação dos temas de estudo, projetos também.

Acho que já chegamos a ter um PIT em que tínhamos a avaliação dos momentos participados na parte de trás, porque eram momentos que não estavam a correr muito bem. Até foi na altura em conversa com uma colega minha que se calhar o que se devia fazer era fazer com que eles pensassem sobre isso sobre esses momentos, a sua atitude nos momentos de interlocução, no momento participado com todos. Depois, posteriormente, chegamos a tirar porque a verdade é que quando se avalia um plano era algo que, pelo menos aqui com este grupo levava imenso tempo, porque caíamos naquela questão de detalhe e então às tantas nem era tudo aquilo que se pedia, portanto conseguimos avaliar sem ser tão tão tão tão pormenorizados quase que se perdia mais de um ou dois blocos de Tempo de Estudo Autónomo a avaliar e isso também não era produtivo. Então temos que tentar equilibrar, os momentos coletivos ou seja os momentos participados começaram a correr melhor e essa parte foi removida, mas de facto agora nota-se no quarto ano, por sugestão no diário, tiramos a parte dos critérios mantivemos na altura os de projetos e os temas de estudo. Mas isto fazia sentido realmente no ano passado porque tínhamos Tema de estudo à sexta-feira e ainda conseguimos avaliar o PIT só depois dos temas de estudo. Vou dar um exemplo muito claro, eles avaliavam o PIT depois dos temas de estudo à sexta-feira e conseguiam logo quando faziam a avaliação do PIT, avaliar o Tempo que tinham tido anteriormente de temas de estudo. Este ano, os temas de estudo acontecem à sexta e eles avaliam o PIT à quinta. O que estava a acontecer é que eles avaliavam o tempo de projetos porque acontece também à quinta, avaliam os projetos e o PIT, fechavam o caderno TEA e no dia a seguir eles deviam voltar a abrir o caderno de TEA para avaliar os temas de estudo e isto gerou alguma confusão. Então, por

proposta deles, falou-se então de retirar essa avaliação do Tema de estudo porque era depois da avaliação do PIT. Também tínhamos só o dos projetos, porque havia meninos que na mesma faziam a avaliação dos projetos, mas deixavam sempre a outra em branco, portanto também não era esse o objetivo. Isto para dizer que são coisas que acontecem não é porque agora me apetece vou tirar isto, não, é muito conversado com eles e surgiu em função da necessidade ou da proposta de algum deles ou por lá está mostrarem por vários argumentos que podemos fazer assim desta maneira ou desta ou daquela, portanto o plano já teve várias versões, já para não falar do tipo de atividades que lá constam e que são sempre muito ajustadas em função do ano escolaridade. Muitas das vezes eles não têm essa noção que uma atividade pode sair do PIT, mas ele é muito flexível. Têm essa noção a partir do momento em que eu mostro que isso pode acontecer, então isto é atuar naquilo que as crianças precisam e nas necessidades de cada um, portanto sempre foi muito flexível deste ponto de vista, mas eles a partir daí perceberam que o PIT não era estanque e que podemos sempre ajustar. Esta situação até dá inclusive aso a novas propostas em diário de novos ficheiros ou atividades que eles sabem que podem ser incluídas. E isto é dar-lhes também muita abertura, eles também têm uma voz ativa e têm um papel ativo aqui dentro, na sua aprendizagem.

E: Obrigada professora, já não tenho mais nenhuma questão para si, o resto tenho vindo a perceber ao longo do tempo aqui presente na sala.

PC: Obrigada eu!

Anexo VII- Grelha de observação de análise do PIT

Indicadores:		
	<p>Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023 (O PIT foi prolongado para as duas semanas, sendo o mesmo)</p>	<p>Semana 08/05/2023 a 12/05/2023</p>
<p>Como planeia? Quantas atividades marca e de que tipologia?</p>		
<p>Planeia em função de quê? (dos comentários da professora no PIT anterior, dos comentários dos colegas, dos compromissos assumidos na turma, da sua consciência do que precisa de trabalhar a partir da lista de verificação)</p>		
<p>O que regista no seu PIT e como usa esse instrumento como forma de regular o seu trabalho (o que escolhe primeiro,</p>		

como vai estabelecendo prioridades, como usa o PIT para se lembrar dos compromissos...)		
Como avalia e quem avalia (como vê o trabalho realizado ao longo da semana, se usa critérios construídos pela turma para argumentar, qual o seu nível de reflexão e de tomada de consciência ...)		
Que critérios utiliza para avaliação do PIT?		
Cumpre o seu PIT (se está presente a adequação daquilo que pensa fazer e o que realmente fez e de que precisa de fazer) – adequação do número que fez relativamente ao que marcou		

Anexo VIII- Grelha de observação de análise do TEA

Indicadores:	Semanas de observação:	
	<p>Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023 (O PIT foi prolongado para as duas semanas, sendo o mesmo)</p>	<p>Semana 08/05/2023 a 12/05/2023</p>
<p>Pede apoios quando verifica alguma necessidade/dificuldade (a quem, em quê, quando)</p>		
<p>Solicita parcerias quando verifica essa necessidade/dificuldade (com quem, porquê, em que áreas)</p>		
<p>Cumpre o seu compromisso semanal</p>		
<p>Realiza fichas de verificação</p>		

Realiza ficheiros para treino de conteúdos nas diversas áreas		
Nível de concentração (compreender o nível de envolvimento)		

Anexo IX- Grelha de observação de análise do PIT da criança 1

Indicadores:		
	<p align="center">Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023</p> <p align="center">(O PIT foi prolongado para as duas semanas, sendo o mesmo)</p>	<p align="center">Semana 08/05/2023 a 12/05/2023</p>
<p>Como planeia? Quantas atividades marca e de que tipologia?</p>	<p>Planeou 7 tarefas, sendo que estas são de tipologias diversificadas e correspondem a três áreas do currículo: Português (um ditado a pares e uma proposta de um ficheiro de conjugação verbal); Matemática (uma proposta de treino acerca dos sólidos geométricos a partir de um ficheiro) e Estudo do Meio (uma proposta de treino sobre o tema da pele de preparação para uma verificação e duas propostas de verificação sobre o sistema solar e sobre a pele). Fez ainda uma produção em PowerPoint sobre um tema à escolha.</p>	<p>Planeou 6 tarefas sendo que estas são de tipologias diversificadas e correspondem a diversas áreas do currículo: Português (uma escrita livre e um jogo de expressões); Matemática (uma ficha de geometria e medida e inventar um problema); Estudo do Meio (uma ficha de Estudo do Meio) e ainda elaborar uma produção em PowerPoint sobre um tema à escolha e da sua preferência.</p>
<p>Planeia em função de quê? (dos comentários da professora no PIT anterior, dos comentários dos colegas, dos compromissos assumidos na turma, da sua consciência do que</p>	<p>Planeou sempre em função da sua consciência acerca das suas necessidades, isto é, do que precisava de trabalhar e rever.</p> <p>Planeou realizar duas fichas de verificação, uma sobre o sistema solar porque já se sentia preparado e a outra porque treinou antes para a fazer sobre o tema da pele.</p>	<p>Planeou sempre em função da sua consciência acerca das suas necessidades, ou seja, daquilo que precisava de trabalhar mais e rever, tendo em conta os comentários da semana anterior da professora.</p>

<p>precisa de trabalhar a partir da lista de verificação)</p>		
<p>O que regista no seu PIT e como usa esse instrumento como forma de regular o seu trabalho (o que escolhe primeiro, como vai estabelecendo prioridades, como usa o PIT para se lembrar dos compromissos...)</p>	<p>O aluno registou com uma cruz aquilo que pretende planear no tipo de proposta que pretende realizar. Ao longo dos dias, à medida que vai cumprindo as propostas pinta essa cruz de acordo com a legenda. No início de cada TEA, o aluno abriu o caderno para verificar o que deveria fazer.</p> <p>Escolhe em primeiro lugar as tarefas que tem mais dificuldades e vai percorrendo-as até chegar ao PowerPoint que é uma tarefa que gosta habitualmente de fazer, mas só o faz depois de ter trabalhado tudo o que precisava, sendo por isso a última tarefa,</p>	<p>O aluno registou com uma cruz aquilo que pretende planear no tipo de proposta que pretende realizar. Ao longo dos dias, à medida que vai cumprindo as propostas pinta essa cruz de acordo com a legenda. No início de cada TEA, o aluno abriu o caderno para verificar o que deveria fazer.</p> <p>Escolhe sempre em primeiro lugar as tarefas que sabe que necessita de realizar para colmatar dificuldades e só depois no fim realizou a produção em PowerPoint que é uma tarefa que gosta de fazer.</p>
<p>Como avalia e quem avalia (como vê o trabalho realizado ao longo da semana, se usa critérios construídos pela turma para argumentar, qual o seu nível de reflexão e de tomada de consciência ...)</p>	<p>O aluno fez a avaliação do PIT a partir dos critérios estabelecidos no PIT referindo esses pontos e fazendo um balanço geral de que trabalhou bem e que conseguiu avançar esclarecendo as suas dúvidas. No que diz respeito ao que deve melhorar, indica que será a área da matemática mais concretamente na geometria, com os sólidos geométricos.</p> <p>A criança consegue refletir de forma consciente sobre o seu trabalho, refletindo de forma positiva.</p>	<p>O aluno avaliou o PIT tendo em conta os novos critérios estabelecidos em grupo, tendo em conta os mesmos, acabando por fazer um balanço geral positivo acerca do trabalho desenvolvido ao longo da semana, realçando que conversou com outros colegas e que isso influenciou o seu desempenho.</p> <p>A criança consegue refletir de forma consciente sobre o seu trabalho, refletindo de forma positiva, isto porque realça os seus pontos fortes, mas também as suas fragilidades.</p>

<p>Que critérios utiliza para avaliação do PIT?</p>	<p>O aluno para avaliar o seu PIT utiliza critérios estabelecidos previamente em coletivo, tais como: variei as tarefas, fiz as atividades que precisava, preenchi bem o plano, não deixei trabalhos incompletos, escrevi com uma letra bonita, deixei os espaços certos entre os trabalhos, pintei tudo e bem, não incomodei os colegas, respeitei as regras durante a semana, cumpri os compromissos que fiz e cumpri as tarefas.</p>	<p>Após refazermos em coletivo nesta semana os critérios para avaliação do PIT, o aluno utilizou-os, sendo estes: escolher trabalhos importantes para trabalhar as dificuldades; estudar para as verificações e os temas que temos mais dificuldades; fazer verificações; variar os trabalhos; não deixar trabalhos incompletos; cumprir as tarefas e respeitar as regras, não incomodando os colegas.</p>
<p>Cumpre o seu PIT (se está presente a adequação daquilo que pensa fazer e o que realmente fez e de que precisa de fazer) – adequação do número que fez relativamente ao que marcou</p>	<p>Não conseguiu cumprir o PIT no tempo estipulado, pois explica que não teve tempo para realizar todas as tarefas planeadas (Marcou 7 e cumpriu 5).</p>	<p>Conseguiu cumprir o seu PIT no tempo estipulado para tal (Marcou 6 e cumpriu 6), tendo de melhorar a questão da conversa com outros colegas, para que o seu foco seja maior.</p>

Anexo X- Grelha de observação de análise do TEA da criança 1

Indicadores:	Semanas de observação:	
	<p>Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023 (O PIT foi prolongado para as duas semanas, sendo o mesmo)</p>	<p>Semana 08/05/2023 a 12/05/2023</p>
<p>Pede apoios quando verifica alguma necessidade/dificuldade (a quem, em quê, quando)</p>	<p>Solicitou um apoio comigo para treinar o ficheiro de Estudo do Meio para o tema do sistema solar, para fazer a verificação.</p>	<p>Solicitou um apoio comigo para treinar o tema do volume na matemática, inventando um problema comigo para tal, uma vez que ainda tinha fragilidades neste tópico do currículo.</p>
<p>Solicita parcerias quando verifica essa necessidade/dificuldade (com quem, porquê, em que áreas)</p>	<p>Solicitou parcerias com uma colega que tem bastante facilidade em realizar ditados, pedindo-lhe por isso ajuda.</p>	<p>Solicitou parceria com uma colega para a realização do jogo de português relacionado com as expressões, que apresenta maior facilidade nesta área disciplinar, pedindo-lhe por essa razão ajuda.</p>
<p>Cumpre o seu compromisso semanal</p>	<p>Cumpriu o seu compromisso semanal, que era realizar pelo menos uma ficha de verificação.</p>	<p>Cumpriu o seu compromisso semanal, cumprindo todas as tarefas marcadas para no final elaborar a sua produção em PowerPoint (tarefa que gosta muito de fazer).</p>
<p>Realiza fichas de verificação</p>	<p>Nestas duas semanas, a criança realizou duas fichas de verificação sobre a temática do sistema solar e da pele.</p>	<p>Nesta semana, a criança não realizou nenhuma ficha de verificação, uma vez que já tinha feito todas as fichas disponíveis até à data.</p>

Realiza ficheiros para treino de conteúdos nas diversas áreas	Realizou ficheiros para treino de conteúdos nas diversas áreas nomeadamente: Português (uma proposta de um ficheiro de conjugação verbal); Matemática (uma proposta de treino acerca dos sólidos geométricos a partir de um ficheiro) e Estudo do Meio (uma proposta de treino sobre o tema da pele de preparação para uma verificação).	Realizou ficheiros para o treino de conteúdos, nomeadamente na área de Matemática (ficheiro sobre geometria e medida para treinar o conteúdo do volume) e um ficheiro de Estudo do Meio.
Nível de concentração (compreender o nível de envolvimento)	O aluno esteve sempre focado na realização das tarefas, envolvendo-se nas mesmas pois tem muito presente a importância deste tempo para conseguir corrigir algumas fragilidades nos diversos temas ou então praticar para aperfeiçoar essas competências. Assim sendo, mantém-se sempre concentrado e autorregular o seu comportamento.	O aluno esteve a maior parte dos Tempos de Estudo Autónomo concentrado na realização das tarefas, envolvendo-se nas mesmas tendo sempre muito presente a importância do Tempo de Estudo Autónomo e o objetivo destes momentos, para colmatar algumas fragilidades nos diversos temas ou aperfeiçoá-los. Assim sendo, mantém-se sempre concentrado e consegue regular o seu comportamento, não precisando de apoio do adulto para guiar estes momentos ou preencher o PIT.

Anexo XI- Grelha de observação de análise do PIT da criança 2

Indicadores:		
	<p>Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023 (O PIT foi prolongado para as duas semanas, sendo o mesmo)</p>	<p>Semana 08/05/2023 a 12/05/2023</p>
<p>Como planeia? Quantas atividades marca e de que tipologia?</p>	<p>Planeou 5 tarefas, sendo que estas são diversificadas e correspondem a três áreas do currículo: Português (fazer um ditado a pares e escrever um texto livre de forma individual); Matemática (uma proposta de tarefa a partir de um ficheiro de operações e inventar um problema sozinha) e Estudo do Meio (uma proposta de verificação).</p> <p>Já repetiu algumas destas tarefas algumas vezes.</p>	<p>Planeou 4 tarefas, sendo que estas são diversificadas e correspondem a três áreas do currículo: Português (escrita livre/pares); Matemática (realização de uma ficha de problemas) e Estudo do Meio (estudar acerca do tema da pele e fazer uma ficha de verificação sobre a pele).</p>
<p>Planeia em função de quê? (dos comentários da professora no PIT anterior, dos comentários dos colegas, dos compromissos assumidos na turma, da sua consciência do que</p>	<p>A aluna planeou em função do que necessitava de trabalhar, mas também por tarefas que gosta de fazer. Já se sentia preparada para a realização da ficha de verificação, pois sentia-se segura pelo que tinha aprendido dos momentos coletivos acerca do tema.</p>	<p>A aluna planeia em função daquilo que necessitava de trabalhar para colmatar as suas dificuldades, mas também em função do que gosta. Para além disso, teve em conta comentários da professora (meus) que fiz no PIT da semana anterior a esta.</p>

<p>precisa de trabalhar a partir da lista de verificação)</p>		
<p>O que regista no seu PIT e como usa esse instrumento como forma de regular o seu trabalho (o que escolhe primeiro, como vai estabelecendo prioridades, como usa o PIT para se lembrar dos compromissos...)</p>	<p>A aluna regista com uma cruz aquilo que pretende planear e, ao longo dos dias, à medida que cumpre as propostas pinta a cruz de acordo com a legenda à frente do tipo de tarefa que se trata. No início de cada TEA, a aluna abre o caderno de TEA consultando o PIT para verificar o que deve fazer.</p> <p>Escolhe em primeiro lugar o que necessita de fazer, interligando com o que gosta de fazer, estabelecendo algumas prioridades que nem sempre são as indicadas para as necessidades dela.</p>	<p>A aluna regista com uma cruz aquilo que pretende planear e, ao longo dos dias, à medida que cumpre as propostas pinta a cruz de acordo com a legenda à frente do tipo de tarefa que se trata. No início de cada TEA, a aluna abre o caderno de TEA consultando o PIT para verificar o que deve fazer.</p> <p>Escolhe em primeiro lugar o que necessita de fazer, interligando com o que gosta de fazer.</p>
<p>Como avalia e quem avalia (como vê o trabalho realizado ao longo da semana, se usa critérios construídos pela turma para argumentar, qual o seu nível de reflexão e de tomada de consciência ...)</p>	<p>A aluna fez a avaliação do PIT a partir dos critérios estabelecidos no PIT referindo esses pontos e fazendo um balanço geral, indicando que trabalhou bem e que conseguiu avançar esclarecendo as suas dúvidas. No seu trabalho de projeto também conseguiu evoluir no mesmo, treinando para a apresentação. No que diz respeito ao que deve melhorar, indica que será o tempo que demora a realizar cada tarefa, tendo de ser mais rápida. A criança consegue refletir de forma consciente sobre o seu trabalho, refletindo de forma positiva.</p>	<p>A aluna avaliou o PIT tendo em conta os novos critérios estabelecidos em grupo, tendo em conta os mesmos, acabando por dizer que poderia ter trabalhado mais ao longo da semana se não tivesse faltado duas dias por motivo de doença.</p> <p>A criança consegue refletir de forma consciente sobre o seu trabalho, refletindo de forma positiva, isto porque realça os seus pontos fortes, mas também as suas fragilidades, fazendo-se um balanço positivo sobre o seu nível de reflexão e tomada de consciência.</p>

<p>Que critérios utiliza para avaliação do PIT?</p>	<p>A aluna para avaliar o seu PIT utiliza critérios estabelecidos previamente em coletivo, tais como: variei as tarefas, fiz as atividades que precisava, preenchi bem o plano, não deixei trabalhos incompletos, escrevi com uma letra bonita, deixei os espaços certos entre os trabalhos, pintei tudo e bem, não incomodei os colegas, respeitei as regras durante a semana, cumpri os compromissos que fiz e cumpri as tarefas.</p>	<p>Após refazermos em coletivo nesta semana os critérios para avaliação do PIT, a aluna utilizou-os, sendo estes: escolher trabalhos importantes para trabalhar as dificuldades; estudar para as verificações e os temas que temos mais dificuldades; fazer verificações; variar os trabalhos; não deixar trabalhos incompletos; cumprir as tarefas e respeitar as regras, não incomodando os colegas.</p>
<p>Cumpre o seu PIT (se está presente a adequação daquilo que pensa fazer e o que realmente fez e de que precisa de fazer) – adequação do número que fez relativamente ao que marcou</p>	<p>A criança indicou no seu PIT que cumpriu “mais ou menos” porque realizou quase todas as tarefas para o tempo que teve durante a semana, no entanto poderia ser mais rápida na realização de alguns trabalhos (marcou 5 tarefas e cumpriu 3).</p>	<p>A aluna indicou que não cumpriu o seu PIT, pois faltou dois dias da semana por ter estado doente, no entanto refere que poderia ter sido mais rápida na realização dos trabalhos (melhorando relativamente à semana anterior de observação), tendo de conversar menos para isso.</p>

Anexo XII- Grelha de observação de análise do TEA da criança 2

Indicadores:	Semanas de observação:	
	<p>Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023 (O PIT foi prolongado para as duas semanas, sendo o mesmo)</p>	<p>Semana 08/05/2023 a 12/05/2023</p>
<p>Pede apoios quando verifica alguma necessidade/dificuldade (a quem, em quê, quando)</p>	<p>Não solicitou nenhum apoio nestas semanas.</p>	<p>Não solicitou nenhum apoio nestas semanas.</p>
<p>Solicita parcerias quando verifica essa necessidade/dificuldade (com quem, porquê, em que áreas)</p>	<p>Solicitou parceria com uma colega com quem costuma trabalhar frequentemente nas diversas áreas que a complementa no que diz respeito à aquisição de conhecimentos.</p>	<p>Solicitou parceria com uma colega com quem costuma trabalhar frequentemente nas diversas áreas que a complementa no que diz respeito à aquisição de conhecimentos.</p>
<p>Cumpre o seu compromisso semanal</p>	<p>Cumpriu o seu compromisso semanal, que era realizar pelo menos uma ficha de verificação.</p>	<p>Não conseguiu cumprir o seu compromisso semanal, isto porque esteve dois dias em casa doente.</p>
<p>Realiza fichas de verificação</p>	<p>Nestas duas semanas, a aluna realizou uma ficha de verificação sobre a temática da pele.</p>	<p>Nesta semana, a aluna não realizou nenhuma ficha de verificação.</p>

Realiza ficheiros para treino de conteúdos nas diversas áreas	A aluna realizou um ficheiro na Área da Matemática, relativamente às operações, treinando os algoritmos da adição, subtração multiplicação e divisão com e sem empréstimo.	Tinha planeado a realização de um ficheiro de matemática, no entanto não conseguiu ter tempo de o fazer.
Nível de concentração (compreender o nível de envolvimento)	A aluna esteve quase sempre focada na realização das tarefas, envolvendo-se nas mesmas, pois tem muito presente a importância deste tempo para conseguir corrigir algumas fragilidades nos diversos temas ou então praticar para aperfeiçoar essas competências. Assim sendo, mantém-se sempre concentrada e consegue na maioria das vezes autorregular o seu comportamento.	A aluna esteve quase sempre focada na realização das suas tarefas, envolvendo-se nas mesmas, apesar de por vezes conversar com as colegas, mas corrigindo-se muito rapidamente. Tem sempre muito presente a importância do Tempo de Estudo Autónomo, uma vez que tenta colmatar sempre as suas dificuldades e treinar os temas que vão sendo abordados ao longo do tempo para aperfeiçoar as suas competências. Assim sendo, mantém-se sempre concentrada e consegue na maioria das vezes regular o seu comportamento, não precisando de apoio do adulto para guiar estes momentos ou preencher o PIT.

Anexo XIII- Grelha de observação de análise do PIT da criança 3

Indicadores:		
	<p>Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023 (O PIT foi prolongado para as duas semanas, sendo o mesmo)</p>	<p>Semana 08/05/2023 a 12/05/2023</p>
<p>Como planeia? Quantas atividades marca e de que tipologia?</p>	<p>Planeou apenas duas tarefas que correspondem a duas áreas disciplinares: Português (fazer um texto a pares) e Matemática (inventar um problema a pares).</p> <p>Esta criança não planeia atividades ao longo da semana, planeia conforme vai fazendo, ou seja, vai marcado à medida que realiza alguma atividade.</p>	<p>Planeou sete tarefas que correspondem a três áreas disciplinares distintas: Português (realizar um jogo de expressões portuguesas e o seu significado) Matemática (inventar um problema para estudar o tema dos sólidos geométricos) e Estudo do Meio (estudar para as duas verificações existentes – a pele e o sistema solar e fazê-las).</p> <p>Já planeia como os restantes colegas, à segunda-feira marca as atividades a desenvolver ao longo da semana, abrindo o caderno no início de cada TEA para verificar no seu PIT o que pode/tem de fazer.</p>
<p>Planeia em função de quê? (dos comentários da professora no PIT anterior, dos comentários dos colegas, dos compromissos assumidos na turma, da sua</p>	<p>Planeia em função do que gosta e dos que os colegas lhe pedem para fazer com eles e não tem sempre consciência do que precisa. Por isso, precisa sempre muito da orientação do adulto e de sugestões.</p>	<p>Planeou em função das suas necessidades e fragilidades, interligando com tarefas que gosta de fazer, tendo mais consciência daquilo que precisa de fazer e com quem. Neste período, conseguiu planificar sem a ajuda do adulto, tendo por base os comentários da professora (meus) da semana anterior.</p>

<p>consciência do que precisa de trabalhar a partir da lista de verificação)</p>		
<p>O que regista no seu PIT e como usa esse instrumento como forma de regular o seu trabalho (o que escolhe primeiro, como vai estabelecendo prioridades, como usa o PIT para se lembrar dos compromissos...)</p>	<p>A aluna regista com uma cruz aquilo que pretende planear nas respetivas tipologias de tarefas e à medida que as vai cumprindo pinta a cruz de acordo com a legenda. Neste caso, a criança no início de cada TEA abre o seu caderno e marca o que pretende fazer no PIT, não estabelecendo prioridades.</p>	<p>A aluna regista com uma cruz aquilo que pretende planear e, ao longo dos dias, à medida que cumpre as propostas pinta a cruz de acordo com a legenda à frente do tipo de tarefa que se trata. No início de cada TEA, a aluna abre o caderno de TEA consultando o PIT para verificar o que deve fazer.</p> <p>Escolhe em primeiro lugar o que necessita de fazer, interligando com o que gosta de fazer, iniciando com sucesso o processo de estabelecer prioridades nas tarefas que realiza.</p>
<p>Como avalia e quem avalia (como vê o trabalho realizado ao longo da semana, se usa critérios construídos pela turma para argumentar, qual o seu nível de reflexão e de tomada de consciência ...)</p>	<p>A aluna fez a avaliação do PIT a partir dos critérios estabelecidos no PIT referindo esses pontos e fazendo um balanço geral, indicando que trabalhou pouco. No seu trabalho de projeto também conseguiu evoluir no mesmo, treinando para a apresentação. No que diz respeito ao que deve melhorar, indica que tem de fazer mais trabalhos para conseguir colmatar as suas dificuldades e demorar pouco tempo em cada um deles. Demonstra refletir de forma consciente.</p>	<p>A aluna avaliou o PIT tendo em conta os novos critérios estabelecidos em grupo, tendo em conta os mesmos, acabando por fazer um balanço positivo da sua semana de trabalho, pois conseguiu cumprir o seu PIT e estar focada na realização das tarefas, acrescentando que para a semana seguinte tentará fazer mais trabalhos e manter o seu ritmo.</p> <p>A criança consegue refletir de forma consciente sobre o seu trabalho e de forma positiva, isto porque realça os seus pontos fortes, mas também as suas fragilidades, fazendo-se um balanço positivo sobre o seu nível de reflexão e tomada de consciência. Não precisou de ajuda do adulto para avaliar o seu trabalho.</p>

<p>Que critérios utiliza para avaliação do PIT?</p>	<p>A aluna para avaliar o seu PIT utiliza critérios estabelecidos previamente em coletivo, tais como: variei as tarefas, fiz as atividades que precisava, preenchi bem o plano, não deixei trabalhos incompletos, escrevi com uma letra bonita, deixei os espaços certos entre os trabalhos, pintei tudo e bem, não incomodei os colegas, respeitei as regras durante a semana, cumpri os compromissos que fiz e cumpri as tarefas.</p>	<p>Após refazermos em coletivo nesta semana os critérios para avaliação do PIT, a aluna utilizou-os, sendo estes: escolher trabalhos importantes para trabalhar as dificuldades; estudar para as verificações e os temas que temos mais dificuldades; fazer verificações; variar os trabalhos; não deixar trabalhos incompletos; cumprir as tarefas e respeitar as regras, não incomodando os colegas.</p>
<p>Cumpre o seu PIT (se está presente a adequação daquilo que pensa fazer e o que realmente fez e de que precisa de fazer) – adequação do número que fez relativamente ao que marcou</p>	<p>A criança indicou no seu PIT que não o cumpriu porque faltou acabar o problema de matemática (marcou 2 tarefas e cumpriu 1).</p>	<p>A criança indicou no seu PIT que o conseguiu cumprir e que conseguiu estar focada e ter atenção neste período não brincando nem conversando e por essa razão conseguiu ser mais produtiva (marcou 7 tarefas e cumpriu 7). Evoluiu na marcação do PIT, passando a fazer a previsão semanal que era suposta e por isso conseguiu iniciar esse processo de marcação sozinha sem ajuda do adulto.</p>

Anexo XIV- Grelha de observação de análise do TEA da criança 3

Indicadores:	Semanas de observação:	
	<p>Semana de 17/04/23 a 21/04/2023 e semana de 24/04/2023 a 28/04/2023 (O PIT foi prolongado para as duas semanas, sendo o mesmo)</p>	<p>Semana 08/05/2023 a 12/05/2023</p>
<p>Pede apoios quando verifica alguma necessidade/dificuldade (a quem, em quê, quando)</p>	<p>Não solicitou nenhum apoio nestas semanas.</p>	<p>Solicitou um apoio meu nesta semana para estudar para uma verificação.</p>
<p>Solicita parcerias quando verifica essa necessidade/dificuldade (com quem, porquê, em que áreas)</p>	<p>Solicitou uma parceria esta semana, com uma colega com quem se dá muito bem, mas que nem sempre se pode manifestar como a pessoa indicada que a possa ajudar a evoluir na sua aprendizagem para realizar um ditado a pares e inventar um problema matemático, também ele a pares.</p>	<p>Solicitou duas parcerias esta semana para inventar um problema com uma colega que tinha mais facilidade neste domínio e que por isso a poderia ajudar e ‘para realizar um jogo de português (expressões portuguesas e o seu significado) com uma colega com quem gosta de trabalhar.</p>
<p>Cumpre o seu compromisso semanal</p>	<p>Não cumpriu o seu compromisso semanal.</p>	<p>Cumpriu o seu compromisso semanal de realizar mais tarefas e cumpri-las, estando mais atenta.</p>
<p>Realiza fichas de verificação</p>	<p>Nestas duas semanas, a aluna não realizou nenhuma ficha de verificação.</p>	<p>Nesta semana, realizou duas fichas de verificação (sobre o tema da pele e do sistema solar).</p>

<p>Realiza ficheiros para treino de conteúdos nas diversas áreas</p>	<p>Nesta semana, a aluna não realizou nenhum ficheiro para treino de conteúdos em nenhuma área.</p>	<p>Nesta semana, a aluna utilizou um ficheiro para estudar para uma verificação. Não realizou mais nenhum, no entanto diversificou os meios para abordagem das diversas áreas (inventar problemas, realização de um jogo, utilização do manual para estudar).</p>
<p>Nível de concentração (compreender o nível de envolvimento)</p>	<p>A aluna tem muita dificuldade em concentrar-se nos períodos do Tempo de Estudo Autónomo e demora algum tempo a realizar cada tarefa, pois distrai-se muitas vezes, não conseguindo a maioria das vezes autorregular o seu comportamento. Assim, não se envolve muito nas tarefas que realiza no TEA, pois ainda não lhe atribui muita importância, tendo de ser chamada à atenção pelo adulto para se focar, tendo ajuda para se organizar no seu trabalho.</p>	<p>A aluna evoluiu neste período, tanto no preenchimento do PIT, uma vez que passou a fazê-lo sozinha, pressupondo uma planificação semanal do trabalho realizada à segunda-feira. Para além disso, no TEA passou a estar muito mais concentrada, fazendo parcerias com colegas que a completavam cognitivamente e não só “com quem gostava de trabalhar”, estando por isso mais focada e realizando mais trabalhos neste período. Por esta razão, já não necessita de apoio constante do adulto para regular o seu comportamento e para compreender a importância deste momento da rotina. Desta forma, a criança esteve focada na realização das suas tarefas, envolvendo-se nas mesmas. Tentou diversificar as tarefas para colmatar sempre as suas dificuldades e treinar os temas que vão sendo abordados ao longo do tempo para aperfeiçoar as suas competências, realizando fichas de verificação. Assim sendo, mantém-se sempre concentrada e consegue autorregular-se.</p>

Anexo XV- Planos Individuais de Trabalho da criança 1

Semanas de 17 de Abril a 21 de Abril e de 24 de Abril a 28 de Abril:

Plano Individual de Trabalho n.º 15

Nome: Semana de: 17/4/2023 a 28/4/2023

O que posso fazer no T.E.A.	Previsão	Plano de Tarefas	Totais	O que fiz no trabalho de Projeto/Temas de estudo
Português	Escrita livre/pares	<input checked="" type="checkbox"/>		27/4/2023 T.P.: <i>Fizachei bem e avançei</i>
	Revisão de um texto a pares	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Leitura (e texto sobre o livro)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ditado a pares	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Ortografia	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Gramática	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha do Leitura Funcional	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Textos da Turma	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
Matemática	Ficha de Conjugação de Verbos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Cumprido P.I.T.? <input checked="" type="checkbox"/> Porque... <i>não tive tempo.</i>
	Ficha de Verificação	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Números e Operações	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Contas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Geometria e Medida	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Problemas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Org. e Tratamento de Dados	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Inventar um Problema	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
Estudo do Meio	Ficha de Verificação	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Estudo do resumo de um projeto	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Estudo do Meio e Projetos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
Outros	Ficha de História	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Ficha de Verificação	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
	Acabar/melhorar trabalhos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
Produção artística	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>		
Ed. Física (regas, campo...)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>		
POWERPOINT	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>		
Total de atividades previstas e realizadas				
PRODUÇÕES APRESENTADAS		À MINHA TAREFA:		

Dia	O quê	Com quem	Av.	Dia	O quê	Com quem	Av.

Avaliação do meu trabalho *Não consegui fazer muitos trabalhos porque não tive tempo mas gostei dos que fiz*

Na próxima semana vou:
 MELHORAR: *Geometria*
 AVALIAR:

Comentário da professora *12*
compreendo que estas betarras foram muito preenchidas e tivemos menos tempo. Para a semana é melhor! Mesmo assim, quando que trabalhasse bem, e sempre fazê-lo!
Parabéns, meninas

Comentário dos colegas

Semana de 08 de Maio a 12 de Maio:

Plano Individual de Trabalho n.º 17

Nome: Semana de: 8/5/2023 a 12/5/2023

O que posso fazer no T.E.A.	Previsão	Plano de Tarefas	Totais	O que fiz no trabalho de Projeto/Temas de estudo
Português	Escrita livre/pares			
	Revisão de um texto a pares			
	Leitura (e texto sobre o livro)			
	Ditado a pares			
	Ficha de Ortografia			
	Ficha de Gramática			
	Ficha de Leitura Funcional			
	Ficha de Textos da Turma			
Ficha de Conjugação de Verbos				
<u>1090</u>	7			
Matemática	Ficha de Números e Operações			
	Ficha de Contas			
	Ficha de Geometria e Medida			
	Ficha de Problemas			
	Ficha de Org. e Tratamento de Dados			
	Inventar um Problema	7		
Estudo do Meio	Estudo do resumo de um projeto			
	Ficha de Estudo do Meio e Projetos	7		
	Ficha de História			
Outros	<u>POWPOINT</u>			
	Acabar/melhorar trabalhos			
	Produção artística			
	Ficha de Verificação			
Ed. Física (regras, campo...)				
Total de atividades previstas e realizadas				
PRODUÇÕES APRESENTADAS		A MINHA TAREFA:		

Dia	O quê	Com quem	Av.	Dia	O quê	Com quem	Av.

Avaliação do meu trabalho: <u>Trabalhei mais ou menos porque conversei mais consigo e tive que fazer tudo</u>	Na próxima semana vou: MELHORAR:
Comentário da professora: <u>Acho que trabalhasse bem e assim bastasse tarefas que precisavas, conseguindo cumprir o P.T. Parabéns! No entanto, concordo que deves conversar mais para esteses mais focado.</u>	AVALIAR:
Comentário dos colegas:	Comentário dos colegas:

Anexo XVI- Planos Individuais de Trabalho da criança 2

Semanas de 17 de Abril a 21 de Abril e de 24 de Abril a 28 de Abril:

Plano Individual de Trabalho n.º 16

Nome: _____ Semana de: 17/04/2023 a 28/04/2023

O que posso fazer no TE.A.	Previsão	Plano de Tarefas	Totais	O que fiz no trabalho de Projeto/Temas de estudo
Português	Escrita livre/pares	1	✗	20/04/23 e 27/04/23 T.P.: Consegui evoluir nas Maquiagem e treinamos.
	Revisão de um texto a pares			
	Leitura (e texto sobre o livro)			
	Ditado a pares	1	✓	
	Ficha de Ortografia			
	Ficha de Gramática			
	Ficha de Leitura Funcional			
	Ficha de Textos da Turma			
Matemática	Ficha de Números e Operações	1	✗	Cumprir o P.I.T.? Mais ou menos Porque... Cumprir quase todas as tarefas e também está semana foi mais apertada, então foi bom, mas podia ser mais rápida em alguns trabalhos.
	Ficha de Contas			
	Ficha de Geometria e Medida			
	Ficha de Problemas			
	Ficha de Org. e Tratamento de Dados	1	✓	
	Inventar um Problema	1	✓	
Estudo do Meio	Ficha de Verificação			
	Estudo do resumo de um projeto			
	Ficha de Estudo do Meio e Projetos	1	✓	
Outros	Ficha de História			
	Ficha de Verificação			
	Acabar/melhorar trabalhos			
Produção artística				
Ed. Física (regras, campo ...)				
Total de atividades previstas e realizadas		5		
PRODUÇÕES APRESENTADAS		A MINHA TAREFA: <u>Preségas</u>		

Dia	O que	Com quem	Av.	Dia	O que	Com quem	Av.
18	Ditado a pares	Maria B.	✓				

Avaliação do meu trabalho
Foi bom.

Comentário da professora
mesmo sendo uma semana atribuída acho que trabalhou bem! concordo, que te deres distrair menos e desta forma ser mais rápida. Para a semana será melhor.

Na próxima semana vou:
MELHORAR:
ser mais rápida.
AVALIAR:
ficha de contas e escrita livre

Comentário dos colegas

Semana de 08 de Maio a 12 de Maio:

Plano Individual de Trabalho n.º 17

Nome: Semana de: 08/05/23 a 11/05/23

O que posso fazer no T.E.A.	Previsão	Plano de Tarefas	Totais	O que fiz no trabalho de Projeto/Temas de estudo
Português	Escrita livre/pares	1		
	Revisão de um texto a pares			
	Leitura (e texto sobre o livro)			
	Ditado a pares			
	Ficha de Ortografia			
	Ficha de Gramática			
	Ficha de Leitura Funcional			
Ficha de Textos da Turma				
Ficha de Conjugação de Verbos				
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content;"> 12/08/23 T.P.: Terminamos o questionário e revimos o Video <hr/> T.E. Não tive mos^o </div>				
Matemática	Ficha de Números e Operações			
	Ficha de Contas			
	Ficha de Geometria e Medida			
	Ficha de Problemas	1	X	
	Ficha de Org. e Tratamento de Dados			
Inventar um Problema				
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content;"> Cumpri o P.I.T.? N Porque... Não cumpri todas as tarefas, mas também faltei porque quarta mas conversei p. podia ser mais rápida. </div>				
Estudo do Meio	Estudo do resumo de um projeto			
	Ficha de Estudo do Meio e Projetos			
	Ficha de História			
Estudar para a pele	1	X		
Outros	Acabar/melhorar trabalhos			
	Produção artística			
	Ficha de Verificação	1	X	
	Ed. Física (regras, campo ...)			
Total de atividades previstas e realizadas		4		
PRODUÇÕES APRESENTADAS		A MINHA TAREFA:	Meditação	

Dia	O que	Com quem	Av.	Dia	O que	Com quem	Av.
08	Escrita a pares	Francisca		08	Estudar para a pele	Francisca	

Avaliação do meu trabalho
 Correu mais ou menos

Na próxima semana vou:
 MELHORAR: ^{brincar} conversar menos

AVALIAR:
 Verificação e estudar para a pele

Comentário da professora

esta semana faltas te porque estivesse doente, no entanto acho que mais tarefas que necessitas e isso foi positivo. contudo, considero que estivesse mais atenta, mas a conversa é algo a melhorar.

Comentário dos colegas

Anexo XVII- Planos Individuais de Trabalho da criança 3

Semanas de 17 de Abril a 21 de Abril e de 24 de Abril a 28 de Abril:

SAINT

Plano Individual de Trabalho n.º 16

Nome: **Semana de:** 16 / 4 / 23 a 24 / 4 / 23

	Previsão	Plano de tarefas	Totais	O que fiz no trabalho de Projeto/Temas de estudo			
O que posso fazer no T.E.A.							
Português	Escrita livre/pares				T.P.: Correcção muito boa		
	Revisão de um texto a pares	2					
	Leitura (e texto sobre o livro)						
	Ditado a pares						
	Ficha de Ortografia						
	Ficha de Gramática						
	Ficha de Leitura Funcional						
	Ficha de Textos da Turma						
	Ficha de Conjugação de Verbos						
	Ficha de Verificação						
Matemática	Ficha de Números e Operações				Cumpri o P.I.T.? <input checked="" type="checkbox"/> Porque... eu fiz todos meus o problema. mas trabalhamos bem pq a professora estava a ajudar		
	Ficha de Contas						
	Ficha de Geometria e Medida						
	Ficha de Problemas						
	Ficha de Org. e Tratamento de Dados						
	Inventar um Problema						
Estudo do Meio	Ficha de Verificação						
	Estudo do resumo de um projeto						
	Ficha de Estudo do Meio e Projetos						
	Ficha de História						
Outros	Ficha de Verificação						
	Acabar/melhorar trabalhos						
	Produção artística Ed. Física (regas, campo ...)						
Total de atividades previstas e realizadas							
PRODUÇÕES APRESENTADAS							
		A MINHA TAREFA: <u>Matemática</u>					
Dia	O quê	Com quem	Av.	Dia	O quê	Com quem	Av.
Avaliação do meu trabalho				Na próxima semana vou:			
Foi bom que esta semana eu tive mais mas eu tive a acabar as resoluções por um texto e mais trabalhamos o problema.				MELHORAR: fazer mais trabalhos AVALIAR: satisfatório			
Comentário da professora				Comentário dos colegas			
esta semana trabalhasse pouco e as tarefas não foram muito variadas. Tivesse um pouco de variedade, deves melhorar para a semana! Beijinhos							

Semana de 08 de Maio a 12 de Maio:

Plano Individual de Trabalho n.º 17

Nome: Semana de: 8 / 5 / 23 a 12 / 5 / 23

	O que posso fazer no TE.A.	Previsão	Plano de Tarefas	Totais	O que fiz no trabalho de Projeto/Temas de estudo
Português	Escrita livre/pares				T.P.:
	Revisão de um texto a pares				
	Leitura (e texto sobre o livro)				T.E.
	Ditado a pares				
	Ficha de Ortografia				
	Ficha de Gramática				
	Ficha de Leitura Funcional				
Ficha de Textos da Turma					
Ficha de Conjugação de Verbos					
Matemática	Ficha de Números e Operações				Cumprido P.I.T.? <input checked="" type="checkbox"/> Porque... Sim eu avaliei bem
	Ficha de Contas				
	Ficha de Geometria e Medida				
	Ficha de Problemas				
	Ficha de Org. e Tratamento de Dados				
	Inventar um Problema	1	X		
Estudo do Meio	Estudo do resumo de um projeto				PRODUÇÕES APRESENTADAS:
	Ficha de Estudo do Meio e Projetos				
	Ficha de História				
	Estudar para verificação	2	X X		
Outros	Acabar/melhorar trabalhos				A MINHA TAREFA: <u>Casa de Banho</u>
	Produção artística				
	Ficha de Verificação	2	X X		
	Ed. Física (regras, campo ...)				
Total de atividades previstas e realizadas					

Dia	O quê	Com quem	Av.	Dia	O quê	Com quem	Av.

Avaliação do meu trabalho
 Eu tive mesmo muito bem porque fiz tudo e tive atenções 😊

Na próxima semana vou:
 MELHORAR: fazer mais trabalhos
 AVALIAR: Bom

Comentário da professora
 Estou muito orgulhosa de ti, trabalhas-te muito bem esta semana e conseguiste cumprir o PIT! Tiveste atenção esta semana. Agora é continuar o bom trabalho!

Comentário dos colegas